

**ANEL DE POLÍCRATES
E OUTRAS HISTÓRIAS**

**HERÓDOTO • CÍCERO • ESOPO
FEDRO • LA FONTAINE • VOLTAIRE
VOLTAIRE • MACHADO DE ASSIS
OSCAR WILDE • GUY DE MAUPASSANT
JUÓ BANANERE • NELSON ASCHER**

O ANEL DE POLÍCRATES E OUTRAS HISTÓRIAS

Organização

FRANCISCO ACHCAR
ROGÉRIO HAFEZ

Tradução e notas

FRANCISCO ACHCAR
ROGÉRIO HAFEZ
ISABEL DE LORENZO

2.^a edição, aumentada

São Paulo 2000

São Paulo 2000

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

HISTÓRIAS EXEMPLARES

Heródoto	11
O ANEL DE POLÍCRATES	13
Machado de Assis	17
O ANEL DE POLÍCRATES	19
Cícero	31
NASICA E ÊNIO	33
DIÓGENES E ALEXANDRE	34

HISTÓRIAS MORAIS

Esopo	37
OS LOBOS E OS CORDEIROS	39
O MACACO E O GOLFINHO	40
ZEUS E APOLO	41
A TARTARUGA E A LEBRE	42
A RAPOSA E O CACHO DE UVAS	43
A RAPOSA E A MÁSCARA	44
Fedro	45
O LOBO E O CORDEIRO	47
O CÃO E O PEDAÇO DE CARNE	48
A RAPOSA E A MÁSCARA TRÁGICA	49
A RAPOSA E AS UVAS	50
La Fontaine	53
O LOBO E O CORDEIRO	55
Juó Bananere	59
O LOBO E O GORDERIGNO	61
Nelson Ascher	65
FÁBULA	67

HISTÓRIA FILOSÓFICA

Voltaire	73
MÊNON OU A SABEDORIA HUMANA	75

HISTÓRIAS SENTIMENTAIS

Oscar Wilde	85
O GIGANTE EGOÍSTA	87
O PRÍNCIPE FELIZ	93

HISTÓRIA ANEDÓTICA

Guy de Maupassant	109
DOIS AMIGOS	111

APRESENTAÇÃO

Francisco Achar

As histórias deste livro também podem ser chamadas estórias, como quereria Guimarães Rosa. Estória não é História. *História*, diz o dicionário, é a “narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral: *a história do Brasil; história universal*”. *Estória* é outra coisa: é uma narração qualquer, de algo acontecido ou imaginado — um conto, a *estória do Chapeuzinho Vermelho, as estórias do meu avô*. Como o mais habitual é usar a palavra história nos dois casos, esta designação foi adotada aqui.

As histórias selecionadas foram divididas em cinco grupos. As primeiras, *histórias exemplares*, são as que, contando casos singulares, acontecimentos únicos, procuram com eles representar situações típicas ou exemplificar fenômenos gerais. Assim, “O Anel de Polícrates”, além de relatar um evento particular, constitui um caso exemplar do que seriam as limitações da felicidade humana ou a lógica caprichosa do destino. O conto de Machado de Assis apresenta, ao mesmo tempo, uma personagem extraordinária e um exemplo extraordinário do que, hoje, seria vulgarmente chamado “pé-frio”. Poderia ser tomado como um “conto de personagem” (embora a personagem central nem compareça), mas pode ser lido também como uma ilustração surpreendente do mesmo caso representado no texto de Heródoto. Os relatos de Cícero são exemplos de situações diversas: desapego em relação aos bens materiais e ironia diante das pequenas mentiras da vida cotidiana.

As *histórias morais* representam situações em que estão em jogo o bem e o mal, o comportamento correto e o errado, o que é louvável e o que é condenável. São, por isso, textos de natureza *crítica*. As “histórias morais” aqui incluídas são fábulas, ou seja, narrativas onde se procura demonstrar um preceito ético, quer dizer, uma regra moral,

uma norma de conduta. Elas geralmente tomam animais como personagens e, apontando o mal, buscam sugerir o que seja o bem.

A *história filosófica* desenvolve uma questão geral, abstrata. No caso do conto de Voltaire, procura-se demonstrar o absurdo da busca da sabedoria perfeita. Como em geral neste grande escritor, a “história filosófica” é também bastante cômica (ou tragicômica).

As *histórias sentimentais*, no caso presente, não são histórias de amor, como alguns imaginariam; são narrativas que buscam despertar nossas emoções, ativar nossos sentimentos, como maneira de fazermos perceber e entender situações e valores da vida. Os dois contos que integram esta seção foram escritos para leitores muito jovens (os filhos pequenos do autor); por isso, fica mais fácil identificar neles os mecanismos usados para comover. Pelo seu valor literário, estas duas pequenas jóias de Oscar Wilde superaram sua destinação infantil, e são hoje lidas simplesmente como literatura. Este é o motivo de constarem da presente antologia, destinada a jovens de outra idade.

Finalmente, *história anedótica* é aquela que pura e simplesmente conta um caso. Portanto, trata-se de uma *anedota*, não no sentido de “piada”, de “história para fazer rir”, mas sim no sentido de “relato curioso”, “história de um fato de particular interesse”.

Várias das histórias seguintes poderiam receber mais de uma classificação. Assim, as “histórias exemplares” poderiam ser também rotuladas como “anedóticas”, as “histórias sentimentais” apresentadas aqui têm também um conteúdo moral. A classificação feita — como a maioria das classificações desse tipo — se é boa por um lado, apresenta deficiências por outro.

Produzidas em diversas épocas e lugares, estas histórias servem para aquilo para que a literatura serve: *para divertir, para emocionar e para ensinar*.

HISTÓRIAS EXEMPLARES

HERÓDOTO

Heródoto (480-425 a.C.) nasceu em Halicarnasso, na costa sudoeste da Ásia Menor. Conheceu as principais cidades gregas e percorreu as terras da Assíria, do Egito e da Pérsia. Muito do que viu e ouviu, os diferentes costumes e tradições dos povos, Heródoto o registrou nos nove livros que compõem suas *Histórias*, cujo tema principal é o crescimento do poderio persa e seu confronto com os gregos. Segundo se diz, Heródoto chegou a ler sua obra em público, em Atenas, encantando os ouvintes com sua prosa e recebendo uma grande recompensa como prêmio.

Heródoto é considerado, pelo escritor latino Cícero e por outros autores, “o pai da História”. De fato, ele se interessa pela investigação e verificação dos eventos passados — é esse, precisamente, o sentido em grego da palavra *historía*. Heródoto pouco se parece, porém, com os historiadores modernos, que procuraram fazer da História uma ciência rigorosa. Em sua obra, estão lado a lado a História e a lenda, o relato realista e o conto fantástico, maravilhoso. Muitos desses contos sintetizam exemplarmente sua triste visão do homem e se tornaram famosos, como o do “anel de Polícrates”. Celebrizado numa balada do grande poeta alemão Schiller (1759-1805), “O anel de Polícrates” também deu o nome e a inspiração a um conto, que se lerá adiante, do livro *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis (1839-1908).

O ANEL DE POLÍCRATES

Heródoto

Em pouco tempo a força do rei Polícrates¹ cresceu imensamente, e ele se tornou famoso na Jônia² e em toda a Hélade;³ aonde quer que se dirigisse para guerrear, era em tudo bem-sucedido. Acumulou cem navios de cinquenta remos,⁴ e mil arqueiros. Atacava e saqueava a todos, sem fazer distinção de ninguém. De fato, dizia que faria algo mais grato a um amigo restituindo-lhe o que lhe tomara, do que se nunca lhe tivesse roubado coisa nenhuma. Conquistou numerosas ilhas, e também muitas cidades do continente. Entre outros ilhéus⁵ que venceu em batalhas navais, conquistou também os lésbios,⁶ que haviam acorrido com todas as suas forças em socorro aos milésios;⁷ esses, como prisioneiros, escavaram todo o fosso que há em volta das muralhas de Samos.

-
- 1 *Polícrates*: famoso tirano de Samos, ilha do Mar Egeu, defronte da Ásia Menor. O nome Polícrates significa, em grego, “muito poderoso”.
 - 2 *Jônia*: região da antiga Grécia, constituída por uma parte da costa ocidental da Ásia Menor, entre as cidades de Esmirna e Mileto, e pelas ilhas que lhe eram adjacentes. Os gregos que a habitavam eram chamados “jônios”.
 - 3 *Hélade*: Grécia.
 - 4 *Navio de cinquenta remos*: navio de guerra, que comportava cinquenta remadores, muito comum na frota grega do século VI a.C.
 - 5 *Ilhéu*: habitante de uma ilha.
 - 6 *Lésbio*: habitante da ilha de Lesbos, situada em frente à costa de Mísia, na Ásia Menor.
 - 7 *Milésio*: habitante de Mileto, antiga cidade da Ásia Menor.

O imenso êxito⁸ de Polícrates não passou despercebido a seu aliado Amásis, rei do Egito; ao contrário, tornou-se motivo de preocupação para ele. Como a prosperidade de Polícrates continuasse a aumentar ainda mais, Amásis enviou a Samos uma carta:

Amásis a Polícrates:

É agradável tomar conhecimento dos sucessos de um homem amigo e hospitaleiro, mas a mim não agrada a tua grande prosperidade, pois sei o quanto os deuses são invejosos. Eu, de certo modo, desejo que eu mesmo e todos aqueles por quem me preocupo tenhamos boa fortuna⁹ em alguns de nossos atos e, em outros, o fracasso, de modo que contrabalancemos¹⁰ nossa vida com a alternância das vicissitudes,¹¹ o que é preferível a ser bem-sucedido em tudo. De fato, nunca ouvi falar de ninguém que, sendo em tudo bem-afortunado, não tenha chegado por fim à ruína mais completa. Se quiseres dar ouvidos aos meus conselhos, faz o seguinte diante de tua boa sorte: reflete e encontra aquilo que te é mais precioso, aquilo cuja perda mais afligiria a tua alma; então, joga-o fora de modo que ele nunca mais reapareça entre os homens. Se, com isso, desde já os teus sucessos não se alternarem com as desventuras,¹² remedia a tua sorte agindo novamente do mesmo modo que agora te proponho.

Polícrates, lendo essas palavras e percebendo quão bem Amásis o havia aconselhado, procurou descobrir qual dos seus

8 *Êxito*: sucesso.

9 *Fortuna*: boa sorte, sucesso.

10 *Contrabalançar*: manter em equilíbrio, compensar, balancear.

11 *Vicissitude*: contingência; acidente desfavorável, revés.

12 *Desventura*: infortúnio, infelicidade.

tesouros seria aquele cuja perda mais entristeceria a sua alma; e, refletindo, chegou à seguinte conclusão: o que lhe era mais precioso era um sinete¹³ que costumava portar, gravado numa esmeralda e engastado¹⁴ num anel de ouro, obra de Teodoro de Samos,¹⁵ filho de Télecles. Uma vez que se havia decidido por jogar fora essa jóia, Polícrates procedeu assim: embarcou num navio de cinquenta remos, com toda a tripulação, e em seguida ordenou que zarpassem para o alto mar; quando se viu distante de sua ilha, tirou o anel de seu dedo e, à vista de todos os tripulantes, atirou-o ao mar. Tendo feito isso, mandou que navegassem de volta e, chegando em sua casa, sentiu-se muito desafortunado.¹⁶

No quinto ou sexto dia depois disso, ocorreu-lhe o seguinte: um homem do mar, tendo pescado um peixe grande e belo, julgou-o digno de ser ofertado, como um presente, ao soberano. Ele foi até as portas do palácio de Polícrates e disse que desejava ser conduzido à presença do rei. Sendo-lhe concedido o pedido, ofertou o peixe a Polícrates, dizendo-lhe: “Ó rei, pesquei esse peixe e não considerei justo levá-lo ao mercado, embora eu viva do trabalho de minhas próprias mãos; a mim pareceu, porém, que ele era digno de ti e de teu poder. A ti, assim, eu o trago e o oferto.” E o soberano, deleitado com essas palavras, respondeu-lhe o seguinte: “Fizeste muitíssimo bem e sou grato a ti duplamente, pelas tuas palavras e pelo teu presente. Estás convidado para o banquete.” E o pescador, sentindo-se muito honrado com o convite, foi para sua casa, enquanto os serventes do rei, talhando

13 *Sinete*: pequeno utensílio gravado em alto ou baixo-relevo, utilizado para imprimir, em diversos materiais, a assinatura ou o monograma de uma pessoa, funcionando como um carimbo..

14 *Engastado*: embutido; encravado.

15 *Teodoro de Samos*: artesão ilustre que, segundo Heródoto, também fez obras para outros célebres reis no mundo antigo.

16 *Desafortunado*: desfavorecido pela sorte; infeliz, desgraçado.

o peixe, encontravam no ventre dele o mesmo anel de Polícrates. Tão logo o viram e apanharam, levaram-no cheios de alegria a Polícrates e, entregando-lhe o anel, disseram-lhe de que modo ele havia sido encontrado. E o rei, como lhe viesse à mente a idéia de que se tratava de um fato divino, escreveu numa carta tudo o que ele havia feito e o que então lhe sobreviera,¹⁷ e enviou a carta ao Egito.

Amásis, lendo a carta que lhe viera de Polícrates, compreendeu que é impossível para um homem salvar outro homem daquilo que lhe deve acontecer, e que Polícrates, sendo bem-aventurado em tudo, um homem que reencontrava mesmo aquilo de que tentava se desfazer, estava destinado a não ter um bom fim. Assim, enviando um mensageiro a Samos, Amásis declarou que dissolvia o tratado de hospitalidade.¹⁸ Agiu assim porque desejava evitar que, quando sobreviesse ao soberano de Samos uma grande e terrível desgraça, ele mesmo, Amásis, não torturasse a sua alma, na qualidade de amigo e aliado de Polícrates.¹⁹

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

17 *Sobrevir*: vir ou ocorrer em seguida ou depois.

18 *Tratado de hospitalidade*: compromisso pelo qual, na Antiguidade, homens de nações diferentes asseguravam, para si e seus descendentes, um tratamento hospitaleiro recíproco, e que se realizava por meio de presentes e de práticas religiosas.

19 Num capítulo posterior de suas *Histórias*, Heródoto narra o triste fim de Polícrates, previsto e temido por Amásis: a ilha de Samos é invadida, e o tirano é preso e crucificado.

MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) era mulato, filho de uma lavadeira e de um pintor de paredes. Nasceu numa época em que os negros, no Brasil, ainda eram escravos. Sendo pobre, frequentou a escola por poucos anos e trabalhou desde cedo. No entanto, é considerado, pela maioria dos estudiosos da literatura brasileira, o maior escritor do Brasil.

Sua obra revela grande cultura, requinte e ironia fina. Percebe-se que estudou sozinho o que não teve oportunidade de aprender na escola.

Escreveu poesias, peças de teatro, romances, contos e textos de crítica; consagrou-se como genial contista e romancista. Em seus melhores romances, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, e em vários de seus contos, está presente um humor fino, às vezes amargo. No texto seguinte se encontram diversas de suas grandes qualidades, entre as quais a escrita fluente, agradável e divertida.

O ANEL DE POLÍCRATES

Machado de Assis

A

Lá vai o Xavier.

Z

Conhece o Xavier?

A

Há que anos! Era um nababo,¹ rico, podre de rico, mas pródigo...²

Z

Que rico? que pródigo?

A

Rico e pródigo, digo-lhe eu. Bebia pérolas diluídas em néctar.³ Comia línguas de rouxinol. Nunca usou papel mata-borrão, por achá-lo vulgar e mercantil; empregava areia nas cartas, mas uma certa areia feita de pó de diamante. E mulheres! Nem toda a pompa de Salomão⁴ pode dar idéia do que era o Xavier

1 *Nababo*: pessoa muito rica, que vive cercada de luxo; milionário.

2 *Pródigo*: esbanjador, gastador.

3 *Néctar*: bebida dos deuses; qualquer bebida deliciosa.

4 *Pompa de Salomão*: trata-se do riquíssimo e sábio Rei Salomão, cujo harém, segundo a *Bíblia*, contava centenas de mulheres. (*I Reis* 11.3).

nesse particular. Tinha um serralho:⁵ a linha grega,⁶ a tez⁷ romana, a exuberância turca, todas as perfeições de uma raça, todas as prendas de um clima, tudo era admitido no harém do Xavier. Um dia enamorou-se loucamente de uma senhora de alto coturno,⁸ e enviou-lhe de mimo três estrelas do Cruzeiro, que então contava sete, e não pense que o portador foi aí qualquer pé-rapado. Não, senhor. O portador foi um dos arcanjos⁹ de Milton,¹⁰ que o Xavier chamou na ocasião em que ele cortava o azul para levar a admiração dos homens ao seu velho pai inglês. Era assim o Xavier. Capeava¹¹ os cigarros com um papel de cristal, obra finíssima, e, para acendê-los, trazia consigo uma caixinha de raios do sol. As colchas da cama eram nuvens purpúreas,¹² e assim também a esteira que forrava o sofá de repouso, a poltrona da secretária e a rede. Sabe quem lhe fazia o café, de manhã? A Aurora, com aqueles mesmos dedos cor-de-rosa que Homero lhe pôs. Pobre Xavier! Tudo o que o capricho e a riqueza podem dar, o raro, o esquisito, o maravilhoso, o indescritível, o inimaginável, tudo teve e devia ter, porque era um galhardo¹³ rapaz, e um bom coração. Ah! fortuna, fortuna! Onde estão agora as pérolas, os diamantes, as estrelas, as nuvens purpúreas? Tudo perdeu, tudo deixou ir por água abaixo; o néctar virou zurrapa,¹⁴ os coxins¹⁵ são a pedra dura

5 *Serralho*: harém.

6 *Linha grega*: a linha do perfil, especialmente do nariz, das mulheres gregas (conforme sua representação na escultura antiga).

7 *Tez*: cútis, pele do rosto.

8 *De alto coturno*: de elevada condição social.

9 *Arcanjo*: anjo de ordem superior.

10 *John Milton* (1608-1674): poeta inglês, autor de *Paradise Lost* (Paraíso Perdido).

11 *Capear*: enrolar (cigarro).

12 *Purpúreo*: vermelho escuro, da cor da púrpura.

13 *Galhardo*: elegante, bem-apessoado.

14 *Zurrapa*: vinho ruim.

15 *Coxim*: almofada.

da rua, não manda estrelas às senhoras, nem tem arcanjos às suas ordens ...

Z

Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais; é um homem poupado, ¹⁶sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede¹⁷ aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo.

A

Creio; esse é o Xavier exterior. Mas nem só de pão vive o homem. Você fala de Marta, eu falo-lhe de Maria; falo do Xavier especulativo...¹⁸

Z

Ah! — Mas ainda assim, não acho explicação; não me consta nada dele. Que livro, que poema, que quadro ...

A

Desde quando o conhece?

Z

Há uns quinze anos.

A

16 *Poupado*: econômico.

17 *Expedir*: remeter, enviar.

18 *Especulativo*: meditativo, reflexivo.

Upa! Conheço-o há muito mais tempo, desde que ele estreou na rua do Ouvidor,¹⁹ em pleno marquês de Paraná.²⁰ Era um endiabrado, um derramado, planeava todas as coisas possíveis, e até contrárias, um livro, um discurso, um medicamento, um jornal, um poema, um romance, uma história, um libelo político, uma viagem à Europa, outra ao sertão de Minas, outra à lua, em certo balão que inventara, uma candidatura política, e arqueologia, e filosofia, e teatro, etc., etc., etc. Era um saco de espantos. Quem conversava com ele sentia vertigens. Imagine uma cachoeira de idéias e imagens, qual mais original, qual mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime. Note que ele tinha a convicção dos²¹ seus mesmos²² inventos. Um dia, por exemplo, acordou com o plano de arrasar o morro do Castelo, a troco das riquezas que os jesuítas ali deixaram, segundo o povo crê. Calculou-as logo em mil contos, inventariou-as com muito cuidado, separou o que era moeda, mil contos, do que eram obras de arte e pedrarias; descreveu minuciosamente os objetos, deu-me dois tocheiros²³ de ouro...

Z

Realmente...

A

Ah! impagável! Quer saber de outra? Tinha lido as cartas do cônego Benigno, e resolveu ir logo ao sertão da Bahia, procurar a cidade misteriosa. Expôs-me o plano, descreveu-me a arquitetura

19 *Estrear na rua do Ouvidor*: começar a freqüentar aquela rua, que era o centro elegante da época, no Rio de Janeiro.

20 *Em pleno marquês de Paraná*: na época do governo chefiado pelo marquês.

21 *Ter a convicção de*: acreditar em.

22 *Mesmo*: próprio.

23 *Tocheiro*: castiçal.

provável da cidade, os templos, os palácios, gênero etrusco, os ritos, os vasos, as roupas, os costumes...

Z

Era então doido?

A

Originalão apenas. Odeio os carneiros de Panúrgio, dizia ele, citando Rabelais: *Comme vous sçavez estre du mouton le naturel, tousjours suivre le premier, quelque part qu'il aille.*²⁴ Comparava a trivialidade a uma mesa redonda de hospedaria, e jurava que antes comer um mau bife em mesa separada.

Z

Entretanto, gostava da sociedade.

A

Gostava da sociedade, mas não amava os sócios. Um amigo nosso, o Pires, fez-lhe um dia esse reparo; e sabe o que é que ele respondeu? Respondeu com um apólogo,²⁵ em que cada sócio figurava ser uma cuia d'água, e a sociedade uma banheira. — Ora, eu não posso lavar-me em cuias d'água, foi a sua conclusão.

Z

Nada modesto. Que lhe disse o Pires?

24 Panúrgio é personagem de *Gargantua e Pantagruel*, de François Rabelais (pronúncia: *françúá rablé*; 1494?-1553): escritor francês.. Tradução do trecho transcrito: “Como você sabe, é próprio do carneiro seguir o primeiro, onde quer que ele vá”.

25 *Apólogo*: pequena história que ilustra algum princípio de sabedoria.

A

O Pires achou o apólogo tão bonito que o meteu numa comédia, daí a tempos. Engraçado é que o Xavier ouviu o apólogo no teatro, e aplaudiu-o muito, com entusiasmo; esqueceram-se da paternidade; mas a voz do sangue... Isto leva-me à explicação da atual miséria do Xavier.

Z

É verdade, não sei como se possa explicar que um nababo...

A

Explica-se facilmente. Ele espalhava idéias à direita e à esquerda, como o céu chove, por uma necessidade física, e ainda por duas razões. A primeira é que era impaciente, não sofria²⁶ a gestação indispensável à obra escrita. A segunda é que varria com os olhos uma linha tão vasta de coisas, que mal poderia fixar-se em qualquer delas. Se não tivesse o verbo²⁷ fluente, morreria de congestão mental; a palavra era um derivativo. As páginas que então falava, os capítulos que lhe borbotavam da boca, só precisavam de uma arte de os imprimir no ar, e depois no papel, para serem páginas e capítulos excelentes, alguns admiráveis. Nem tudo era límpido; mas a porção límpida superava a porção turva, como a vigília de Homero paga os seus cochilos.²⁸ Espalhava tudo, ao acaso, às mãos cheias, sem ver onde as sementes iam cair; algumas pegavam logo...

Z

26 *Sofrer*: suportar, aguentar.

27 *Verbo*: palavra, fala.

28 *Cochilos de Homero*: alusão a uma frase célebre, segundo a qual “às vezes o bom Homero cochila”, isto é, mesmo os melhores erram..

Como a das cuias.

A

Como a das cuias. Mas, o sementeiro tinha a paixão das coisas belas, e, uma vez que a árvore fosse pomposa e verde, não lhe perguntava nunca pela semente sua mãe. Viveu assim longos anos, despendendo²⁹ à toa, sem cálculo, sem fruto, de noite e de dia, na rua e em casa, um verdadeiro pródigo. Com tal regime, que era a ausência de regime, não admira que ficasse pobre e miserável. Meu amigo, a imaginação e o espírito têm limites; a não ser a famosa botelha³⁰ dos saltimbancos³¹ e a credulidade dos homens, nada conheço inesgotável debaixo do sol. O Xavier não só perdeu as idéias que tinha, mas até exauriu³² a faculdade³³ de as criar; ficou o que sabemos. Que moeda rara se lhe vê hoje nas mãos? que sestércio³⁴ de Horácio?³⁵ que dracma³⁶ de Péricles?³⁷ Nada. Gasta o seu lugar-comum, rafado³⁸ das mãos dos outros, come à mesa redonda, fez-se trivial, chocho...

Z

Cuia, enfim.

A

29 *Despender*: gastar.

30 *Botelha*: garrafa, frasco.

31 *Saltimbanco*: artista popular itinerante.

32 *Exaurir*: esgotar.

33 *Faculdade*: capacidade.

34 *Sestércio*: moeda romana antiga.

35 *Horácio*: poeta romano do século I a. C.

36 *Dracma*: moeda da Grécia antiga.

37 *Péricles*: grande estadista ateniense do século V a. C.

38 *Rafado*: surrado, batido, gasto.

Justamente: cuia.

Z

Pois muito me conta. Não sabia nada disso. Fico inteirado; adeus.

A

Vai a negócio?

Z

Vou a um negócio.

A

Dá-me dez minutos?

Z

Dou-lhe quinze.

A

Quero referir-lhe a passagem mais interessante da vida do Xavier. Aceite o meu braço, e vamos andando. Vai para a praça? Vamos juntos. Um caso interessantíssimo. Foi ali por 1869 ou 70, não me recordo; ele mesmo é que me contou. Tinha perdido tudo; trazia o cérebro gasto, chupado, estéril, sem a sombra de um conceito, de uma imagem, nada. Basta dizer que um dia chamou *rosa* a uma senhora, — “uma bonita rosa”; falava do *luar saudoso*, do *sacerdócio da imprensa*, dos *jantares opíparos*, sem acrescentar ao menos um relevo qualquer a toda essa chaparia de algibebe³⁹. Começara a ficar hipocondríaco; e, um dia, estando à janela,

39 *Chaparia de algibebe*: enfeites de vendedor de roupas baratas.

triste, desabusado das⁴⁰ coisas, vendo-se chegado a nada, aconteceu passar na rua um taful⁴¹ a cavalo. De repente, o cavalo corcoveou, e o taful veio quase ao chão; mas sustentou-se, e meteu as esporas e o chicote no animal; este empina-se, ele teima; muita gente parada na rua e nas portas; no fim de dez minutos de luta, o cavalo cedeu e continuou a marcha. Os espectadores não se fartaram de admirar o garbo,⁴² a coragem, o sangue-frio, a arte do cavaleiro. Então o Xavier, consigo, imaginou que talvez o cavaleiro não tivesse ânimo nenhum; não quis cair diante de gente, e isso lhe deu a força de domar o cavalo. E daí veio uma idéia: comparou a vida a um cavalo xucro ou manhoso; e acrescentou sentenciosamente: Quem não for cavaleiro, que o pareça. Realmente, não era uma idéia extraordinária; mas a penúria do Xavier tocara a tal extremo, que esse cristal pareceu-lhe um diamante. Ele repetiu-a dez ou doze vezes, formulou-a de vários modos, ora na ordem natural, pondo primeiro a definição, depois o complemento; ora dando-lhe a marcha inversa, trocando palavras, medindo-as, etc.; e tão alegre, tão alegre como casa de pobre em dia de peru. De noite, sonhou que efetivamente montava um cavalo manhoso, que este pinoteava com ele e o sacudia a um brejo. Acordou triste; a manhã, que era de domingo e chuvosa, ainda mais o entristeceu; meteu-se a ler e a cismar. Então lembrou-se... Conhece o caso do anel de Polícrates?

Z

Francamente, não.

40 *Desabusado das*: maltratado pelas.

41 *Taful*: janota, elegante afetado, “mauricinho”, na gíria de hoje.

42 *Garbo*: brio, galhardia.

A

Nem eu; mas aqui vai o que me disse o Xavier. Polícrates governava a ilha de Samos. Era o rei mais feliz da terra; tão feliz, que começou a recear alguma viravolta da Fortuna, e, para aplacá-la antecipadamente, determinou fazer um grande sacrifício: deitar ao mar o anel precioso que, segundo alguns, lhe servia de sinete. Assim fez; mas a Fortuna andava tão apostada em cumulá-lo de obséquios, que o anel foi engolido por um peixe, o peixe pescado e mandado para a cozinha do rei, que assim voltou à posse do anel. Não afirmo nada a respeito desta anedota; foi ele quem me contou, citando Plínio,⁴³ citando...

Z

Não ponha mais na carta. O Xavier naturalmente comparou a vida, não a um cavalo, mas...

A

Nada disso. Não é capaz de adivinhar o plano estrambótico⁴⁴ do pobre-diabo. Experimentemos a fortuna, disse ele; vejamos se a minha idéia, lançada ao mar, pode tornar ao meu poder, como o anel de Polícrates, no bucho de algum peixe, ou se o meu caporismo⁴⁵ será tal, que nunca mais lhe ponha a mão.

Z

Ora essa!

43 *Plínio*, chamado *o Jovem*: escritor romano do século I.

44 *Estrambótico*: extraordinário.

45 *Caporismo*: má sorte.

A

Não é estrambótico? Polícrates experimentara a felicidade; o Xavier quis tentar o caiporismo; intenções diversas, ação idêntica. Saiu de casa, encontrou um amigo, travou conversa, escolheu assunto, e acabou dizendo o que era a vida, um cavalo xucro ou manhoso, e quem não for cavaleiro que o pareça. Dita assim, esta frase era talvez fria; por isso o Xavier teve o cuidado de descrever primeiro a sua tristeza, o desconsolo dos anos, o malogro dos esforços, ou antes os efeitos da imprevidência, e quando o peixe ficou de boca aberta, digo, quando a comoção do amigo chegou ao cume, foi que ele lhe atirou o anel, e fugiu a meter-se em casa. Isto que lhe conto é natural, crê-se, não é impossível; mas agora começa a juntar-se à realidade uma alta dose de imaginação. Seja o que for, repito o que ele me disse. Cerca de três semanas depois, o Xavier jantava pacificamente no *Leão de Ouro* ou no *Globo*, não me lembro bem, e ouviu de outra mesa a mesma frase sua, talvez com a troca de um adjetivo. “Meu pobre anel, disse ele, eis-te enfim no peixe de Polícrates.” Mas a idéia bateu as asas e voou, sem que ele pudesse guardá-la na memória. Resignou-se. Dias depois, foi convidado a um baile: era um antigo companheiro dos tempos de rapaz, que celebrava a sua recente distinção nobiliária.⁴⁶ O Xavier aceitou o convite, e foi ao baile, e ainda bem que foi, porque entre o sorvete e o chá ouviu de um grupo de pessoas que louvavam a carreira do barão, a sua vida próspera, rígida, modelo, ouviu comparar o barão a um cavaleiro emérito. Pasma dos ouvintes, porque o barão não montava a cavalo. Mas o panegirista⁴⁷ explicou que a vida não é mais do que um cavalo

46 *Distinção nobiliária*: fato de ser distinguido com um título de nobreza.

47 *Panegirista*: aquele que faz um panegírico, ou seja, discurso em louvor de alguém.

xucro ou manhoso, sobre o qual ou se há de ser cavaleiro ou parecê-lo, e o barão era-o excelente. “— Entra, meu querido anel, disse o Xavier, entra no dedo de Polícrates.” Mas de novo a idéia bateu as asas, sem querer ouvi-lo. Dias depois...

Z

Adivinho o resto: uma série de encontros e fugas do mesmo gênero.

A

Justo.

Z

Mas, enfim, apanhou-o um dia.

A

Um dia só, e foi então que me contou o caso digno de memória. Tão contente que ele estava nesse dia! Jurou-me que ia escrever, a propósito disto, um conto fantástico, à maneira de Edgard Poe, uma página fulgurante, pontuada de mistérios, — são as suas próprias expressões; — e pediu-me que o fosse ver no dia seguinte. Fui; o anel fugira-lhe outra vez. “Meu caro A, disse-me ele, com um sorriso fino e sarcástico; tens em mim o Polícrates do caiporismo; nomeio-te meu ministro honorário e gratuito.” Daí em diante foi sempre a mesma coisa. Quando ele supunha pôr a mão em cima da idéia ela batia as asas, plás, plás, plás, e perdia-se no ar, como as figuras de um sonho. Outro peixe a engolia e trazia, e sempre o mesmo desenlace. Mas dos casos que ele me contou naquele dia, quero dizer-lhe três...

Z

Não posso; lá se vão os quinze minutos.

A

Conto-lhe só três. Um dia, o Xavier chegou a crer que podia enfim agarrar a fugitiva, e fincá-la perpetuamente no cérebro. Abriu um jornal de oposição, e leu estupefato estas palavras: “O ministério parece ignorar que a política é, como a vida, um cavalo xucro ou manhoso, e, não podendo ser bom cavaleiro, porque nunca o foi, devia ao menos parecer que o é.” — “Ah! enfim! exclamou o Xavier, cá estás engastado no bucho do peixe; já me não podes fugir.” Mas, em vão! a idéia fugia-lhe, sem deixar outro vestígio mais do que uma confusa reminiscência. Sombrio, desesperado, começou a andar, a andar, até que a noite caiu; passando por um teatro, entrou; muita gente, muitas luzes, muita alegria; o coração aquietou-se-lhe. Cúmulo de benefícios; era uma comédia do Pires, uma comédia nova. Sentou-se ao pé⁴⁸ do autor, aplaudiu a obra com entusiasmo, com sincero amor de artista e de irmão. No segundo ato, cena VIII, estremeceu. “D. Eugênia, diz o galã a uma senhora, o cavalo pode ser comparado à vida, que é também um cavalo xucro ou manhoso; quem não for bom cavaleiro, deve cuidar de parecer que o é.” O autor, com o olhar tímido, espiava no rosto do Xavier o efeito daquela reflexão, enquanto o Xavier repetia a mesma súplica das outras vezes: — “Meu querido anel...”

Z

*Et nunc et semper...*⁴⁹ Venha o último encontro, que são horas.

A

48 *Ao pé*: junto.

49 *Et nunc et semper...* (latim): e agora e sempre... Fórmula da liturgia católica.

O último foi o primeiro. Já lhe disse que o Xavier transmitira a idéia a um amigo. Uma semana depois da comédia caiu o amigo doente, com tal gravidade que em quatro dias estava à morte. O Xavier corre a vê-lo; e o infeliz ainda o pôde conhecer, estender-lhe a mão fria e trêmula, cravar-lhe um longo olhar baço da última hora, e, com a voz sumida, eco do sepulcro, soluçar-lhe: “Cá vou, meu caro Xavier, o cavalo xucro ou manhoso da vida deitou-me ao chão: se fui mau cavaleiro, não sei; mas forcejei por parecê-lo bom.” Não se ria; ele contou-me isto com lágrimas. Contou-me também que a idéia ainda esvoaçou alguns minutos sobre o cadáver, faiscando as belas asas de cristal, que ele cria ser diamante; depois estalou um risinho de escárnio,⁵⁰ ingrato e parricida,⁵¹ e fugiu como das outras vezes, metendo-se no cérebro de alguns sujeitos, amigos da casa, que ali estavam, transidos⁵² de dor, e recolheram com saudade esse pio⁵³ legado⁵⁴ do defunto. Adeus.

50 *Escárnio*: zombaria, gozação.

51 *Parricida*: assassino do pai.

52 *Transido*: impregnado, repassado, cheio.

53 *Pio*: piedoso.

54 *Legado*: herança.

CÍCERO

Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.) foi um dos maiores oradores, escritores e políticos romanos. Sua participação na vida de Roma foi central durante um período de quase quarenta anos, período dos mais agitados da história romana, em que se desencadeou a crise final da República. Ocupou importantes cargos políticos e administrativos, inclusive o posto de cônsul, que era o topo do poder executivo na República romana. Seus discursos, seja como advogado, seja como político, estão entre os mais célebres da história. Dos mais famosos são os que constituem a série conhecida como *Verrinas*, em que ele ataca, de forma candente e arrasadora, um político e administrador corrupto, Caio Verres, ou as *Catilinárias*, em que ele denuncia outro político, Catilina, que planejava a tomada violenta do poder em Roma.

São muito importantes também suas cartas e seus tratados retóricos (sobre a arte oratória) e filosóficos. Entre estes últimos, nos quais Cícero divulga doutrinas de escolas filosóficas gregas, está a obra conhecida como *Discussões Tusculanas*, que consistem em palestras feitas por ele em sua casa de campo em Túsculo, versando grandes temas da existência (a imortalidade da alma, as paixões, o sofrimento, a virtude, a sabedoria). Como é comum em autores antigos, Cícero ilustra suas exposições com histórias como as aqui apresentadas.

Depois de uma vida passada nos píncaros do poder republicano, em meio à glória e também à desgraça (ele chegou a ser banido de Roma), Cícero morreu junto com a República romana, vitimado tanto por sua indecisão política, quanto pela inclemência de seus adversários: depois do assassinato de César, ele hesitantemente procurou aproximar-se de Augusto e combateu Marco Antônio, que, aliando-se a Augusto, mandou matar Cícero e decepar-lhe as mãos.

NASICA E ÊNIO

Cícero

Nasica foi visitar o poeta Ênio e, perguntando por ele à entrada, uma escrava lhe disse que Ênio não estava em casa; Nasica, porém, percebeu que ela tinha respondido por ordem do seu amo e que este se encontrava em casa.

Poucos dias depois, Ênio foi à casa de Nasica e, perguntando por ele à porta, Nasica exclamou que não estava em casa.

Diz Ênio:

— O quê? Então não conheço a tua voz?

Responde Nasica:

— Tu és um sem-vergonha. Quando eu te procurei, acreditei no que disse tua escrava — que não estavas em casa —, e tu não acreditas no que eu mesmo digo!

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

DIÓGENES E ALEXANDRE¹

Cícero

Diógenes, o cínico, assim respondeu a Alexandre, quando este lhe perguntou se precisava de alguma coisa:

— Afasta-te um pouco do sol.

Alexandre estava fazendo sombra para Diógenes, que tomava sol.

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

1 *Diógenes*: filósofo grego que viveu entre 413 e 323 a. C. É dos fundadores da doutrina chamada *cínica* (em grego *cínico*, *kynikós*, vem da palavra *kyon*—*kynos*, “cão”), que pregava a oposição radical às convenções sociais (isto é: oposição às leis, à cultura e à moral vigentes), porque estas não seriam adequadas à vida conforme à natureza. Dizia-se que Diógenes, para aproximar-se do estado natural, vivia quase nu e morava num tonel. — *Alexandre*: Alexandre Magno (ou “o Grande”) (356-323 a. C.), rei da Macedônia, grande conquistador.

HISTÓRIAS MORAIS

ESOPO

Pouco se sabe sobre a vida de Esopo. Parece ter sido escravo, procedente da Frígia, na Ásia Menor, e ter vivido no século VI a.C. Esopo é um dos primeiros prosadores da Grécia e de todo o Ocidente, e a ele se atribui um extenso conjunto de fábulas, narrativas de caráter popular e tradicional. Esopo é citado como um célebre autor de fábulas já pelo historiador Heródoto (480-425 a.C.). Algumas delas, muito divertidas, foram utilizadas no teatro pelo maior autor de comédias da Grécia antiga, Aristófanes (448-380 a.C.).

As fábulas de Esopo ofereceram material e serviram de inspiração a escritores de muitas épocas. Seu enredo é breve e elementar, e sua forma de expressão é simples e esquemática. Quase todas possuem, como protagonistas, animais que personificam sentimentos do homem e conflitos da sociedade. A imagem tradicional de Esopo é a de um moralista severo, mas ela tem sido revista pelos estudos e descobertas que continuam a ser feitos sobre o autor. Esopo é visto, hoje, como um escritor de fábulas sarcásticas e cruéis, por vezes grosseiras e até mesmo violentas.

OS LOBOS E OS CORDEIROS¹

Esopo

Alguns lobos queriam atacar um rebanho de cordeiros. Como não eram capazes de vencer os cordeiros, por causa dos cães que guardavam o rebanho, os lobos concluíram que seria preciso fazê-lo por meio de um ardil.² Assim, enviaram embaixadores aos cordeiros para lhes pedir que lhes entregassem os cães, dizendo que eram esses animais, na verdade, os responsáveis pela inimizade que existia entre eles, e que, se os cordeiros lhes entregassem os cães, a paz viria a reinar entre eles. Os cordeiros, não prevendo o que iria ocorrer a seguir, entregaram-lhes os cães. E assim os lobos venceram facilmente os cordeiros e destruíram todo o rebanho, uma vez que ele ficara indefeso.

Assim também ocorre com as cidades³ que, entregando facilmente seus líderes, esquecem-se de que também elas estarão, rapidamente, nas mãos de seus inimigos.

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

1 *Cordeiro*: carneiro pequeno, filhote de ovelha.

2 *Ardil*: astúcia, artimanha, artifício.

3 *Cidades*: na Grécia antiga, as cidades equivaliam, em muitos sentidos, ao que hoje chamamos países.

O MACACO E O GOLFINHO

Esopo

É costume, para os que viajam pelo mar, levar consigo macacos e cachorrinhos de Malta, a fim de ter diversão durante a viagem. Assim, um homem que navegava trazia consigo um macaco. Quando chegaram ao cabo Súnio, o promontório da Ática, sobreveio uma violenta tempestade. O navio se revirou, todos tentavam salvar-se a nado, e o macaco também tentava nadar. Um golfinho, avistando-o e pensando que se tratasse de um homem, veio pôr-se sob o macaco e o susteve, transportando-o até a terra firme. Chegando ao Pireu, entreposto marítimo de Atenas, perguntou ao macaco se ele era de uma família ateniense. Como o macaco respondesse que sim, afirmando descender de antepassados ilustres da cidade, o golfinho perguntou-lhe então se ele conhecia o Pireu. O macaco, supondo que o golfinho se referisse a um homem, disse que se tratava de alguém que lhe era de fato muito querido, e com quem ele muito se dava. E o golfinho, revoltando-se com uma tal mentira, mergulhou o macaco na água e o afogou.

Esta estória se aplica aos homens que, desconhecendo a verdade, têm o costume de enganar os outros.

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

ZEUS E APOLO

Esopo

Zeus¹ e Apolo² faziam uma disputa no tiro de arco e flecha. Apolo, retesando³ ao máximo a corda de seu arco, lançou sua flecha, e Zeus, num passo, avançou a perna tão longe quanto a flecha lançada por Apolo.

Eis o que ocorre àquele que luta contra adversários mais fortes: além de não atingi-los, ainda se expõe ao riso dos outros.

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

-
- 1 *Zeus*: deus maior da mitologia grega, senhor dos céus e do Olimpo.
 - 2 *Apolo*: um dos principais deuses da mitologia grega, filho de Zeus e Leto. Apolo é, entre outras coisas, o deus da luz, da profecia e da música, especialmente da lira; como deus guerreiro, tem o arco e a flecha como um de seus principais atributos.
 - 3 *Retesar*: tornar tenso; esticar.

A TARTARUGA E A LEBRE

Esopo

Uma tartaruga e uma lebre competiam para saber qual das duas era mais rápida. E assim, determinaram um dia e um local como baliza¹, e se separaram. A lebre, confiando na ligeireza que lhe é natural, não se preocupou com a corrida: deitou-se à beira do caminho e adormeceu. Já a tartaruga, consciente de sua lerdeza, não deixou de se apressar e, correndo à frente da lebre adormecida, chegou ao termo final e conquistou o prêmio da vitória.

Esta fábula demonstra que o esforço vence, muitas vezes, a natureza indolente.²

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

1 *Baliza*: meta ou marco que indica o termo de uma competição.

2 *Indolente*: negligente, preguiçoso, apático.

A RAPOSA E O CACHO DE UVAS

Esopo

Uma raposa faminta, vendo alguns cachos de uvas penderem de uma parreira,¹ foi tomada pelo desejo de apanhá-los, mas não conseguiu atingi-los. Enquanto se afastava, ela disse para si mesma: “São apenas uvas verdes.”²

Assim também ocorre com alguns homens que, graças à sua fraqueza, não sendo capazes de chegar ao fim de seus atos, acusam as circunstâncias que encontraram.

(Tradução do grego: ROGÉRIO HAFEZ.)

1 *Parreira*: a vinha trepadeira, cujos ramos se firmam numa árvore.

2 *Uva verde*: uva que não está madura.

A RAPOSA E A MÁSCARA

Esopo

Uma raposa entrou na casa de um ator, vasculhou¹ cada um de seus utensílios² e encontrou, entre outros objetos, uma cabeça de espantalho,³ perfeitamente modelada. Apanhando-a nas mãos, ela disse: “Oh, que cabeça! Mas não tem miolos.”⁴

Esta fábula se aplica aos homens que são formidáveis de corpo, porém desprovidos⁵ de espírito.

1 *Vasculhar*: procurar cuidadosamente, investigar, esquadrinhar.

2 *Utensílio*: qualquer instrumento de trabalho de que se serve um artista ou artesão.

3 *Cabeça de espantalho*: no antigo teatro grego, os atores e os membros do coro usavam máscaras completas, que recobriam não apenas o rosto, mas toda a cabeça. A expressão “cabeça de espantalho” se refere, provavelmente, a uma máscara dessas, usada para amedrontar.

4 *Miolos*: a massa encefálica, o cérebro. Em sentido figurado, a expressão designa a inteligência, a razão.

5 *Desprovido*: privado, carente (de algo).

FEDRO

Fedro, que viveu de 15 a. C. a 50 d. C., nasceu na Trácia ou na Macedônia e, provavelmente aprisionado ainda jovem, foi levado a Roma como escravo. Libertado, conheceu grandes dificuldades e sofreu condenação num processo que contra ele moveu Sejano, o todo poderoso colaborador do imperador Tibério. O processo deveu-se, possivelmente, a referências críticas que Sejano e outros poderosos do momento encontraram (ou pensaram encontrar) disfarçadas nas fábulas compostas pelo poeta. Portanto, mesmo contando histórias de animais, a crítica social e política era (e em diversos lugares ainda é) uma atividade muito perigosa.

Fedro seguiu o modelo das fábulas de Esopo, várias vezes o que fez foi traduzi-las em versos latinos, mas também se afastou delas e compôs obras originais, como se pode ver da comparação entre os textos dos dois autores contidos no presente volume. Sua influência na literatura posterior foi enorme: muitos escritores traduziram seus poemas ou elaboraram variações sobre eles. Um dos mais notáveis poetas da literatura francesa, La Fontaine, é em grande parte um seguidor de Fedro. Até hoje, as fábulas de Fedro se prestam a ser aplicadas a situações da vida, como se vê dos textos, adiante apresentados, de Juó Bananere (que coloca o imigrante italiano na situação do cordeiro oprimido pelo lobo) e de Nelson Ascher (que identifica o lobo com um oficial nazista e o cordeiro com o judeu que ele persegue).

Como poeta, Fedro tem bons momentos; por exemplo, quando o cordeiro responde que não poderia estar sujando a água bebida pelo lobo — o verso, em latim, contém uma repetição insistente do som *k* (uma *aliteração*), que sugere a gagueira e o tremor do bichinho apavorado: *Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe?* (pronúncia: *Kuí poçum, Kuáicho, fáKere Kuód Kuéris, lupe?* — tradução: “como posso, pergunto, fazer aquilo de que reclamas, lobo?”).

O LOBO E O CORDEIRO

Fedro

O lobo e o cordeiro tinham ido ao mesmo riacho, levados pela sede. O lobo estava mais acima e o cordeiro bem abaixo. Então o bandido, estimulado por sua goela insaciável, introduziu um motivo de briga:

— Por que — disse ele — sujaste a água que estou bebendo?

Responde o lanígero:¹

— Como posso, pergunto, fazer aquilo de que reclamas, lobo? A água corre de ti para os meus goles.

O lobo, repellido pela força da verdade, diz:

— Seis meses atrás tu falaste mal de mim.

O cordeiro respondeu:

— Mas eu ainda não tinha nascido.

— Por Hércules — diz o lobo —, o teu pai falou mal de mim.

E assim, agarrando o cordeiro, o dilacera², num cruel assassinato.

Esta história foi escrita por causa daqueles homens que oprimem os inocentes com razões falsas.

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

1 *Lanígero*: que produz lã.

2 *Dilacerar*: despedaçar, rasgar em pedaços.

O CÃO E O PEDAÇO DE CARNE

Fedro

Quem cobiça o alheio, perde merecidamente o que é seu. Um cão, nadando pelo rio e levando um pedaço de carne, viu a sua imagem no espelho das águas. Julgando que fosse outra presa¹ levada por outro cão, desejou agarrá-la. Mas a avides² enganada soltou o alimento que segurava na boca e nem ao menos pôde tocar naquele que cobiçava.

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

1 *Presa*: aquilo de que o animal carniceiro se apodera para comer.

2 *Avides*: cobiça, ambição; desejo ardente, imoderado, de alguma coisa. Aqui é uma figura de linguagem: seja uma *metonímia*, porque se usa um termo abstrato, *avides*, para substituir o termo concreto, *cão*, seja uma *sinédoque* (figura irmã da metonímia), porque o todo, *cão*, é representado por uma de suas partes (aqui, uma de suas características), a *avides*. Portanto, “a avides enganada” quer dizer “o cão ávido enganado”.

A RAPOSA E A MÁSCARA TRÁGICA¹

Fedro

Uma raposa viu por acaso uma máscara trágica:
— Quanta beleza — exclama — não tem cérebro!
Isto se diz para aqueles a quem a fortuna deu prestígio e glória, mas negou o senso comum.

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

¹ *Máscara trágica*: como já se viu, no teatro grego e depois no romano os atores vestiam máscaras. Cada tipo de máscara identificava um tipo de personagem (o velho, o escravo malandro, a “mocinha”, etc.) e um gênero (tragédia ou comédia).

A RAPOSA E AS UVAS

Fedro

Forçada pela fome, uma raposa cobiçava as uvas de uma alta parreira, pulando com todas as suas forças. Como não pôde alcançar as uvas, afastou-se dizendo:

— Ainda não estão maduras; não quero apanhá-la azeda.

Aqueles que desprezam com palavras as coisas que não conseguem fazer devem aplicar a si este exemplo.

(Tradução do latim: FRANCISCO ACHCAR.)

LA FONTAINE

Jean de La Fontaine (pronúncia: *jã de la fõtén[e]*) nasceu em 1621 e morreu em 1695, na França. Escreveu comédias, poemas e narrativas em verso, mas foram as fábulas que o fizeram célebre. Nessas fábulas, ele utiliza material presente em Esopo, em Fedro, em obras da Idade Média e do Renascimento, além de, provavelmente, ter recorrido a elementos que encontrou em fabulários da Índia.

A elegância, a fluência, a informalidade, a variedade de registros lingüísticos (ora uma linguagem simples e popular, ora um discurso culto e elevado) e a visão crítica cheia de humor e penetração — tudo isso faz de La Fontaine um dos maiores poetas da França.

A tradução apresentada é de um poeta neoclássico português do século XVIII, Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão. Embora elegante e agradável, esta tradução não tem o alto nível do original francês.

O LOBO E O CORDEIRO

La Fontaine

De¹ ardente sede obrigados,
Foram ao mesmo ribeiro
A beber das frescas águas
Um lobo e mais um cordeiro.

O lobo pôs-se da parte
De onde o regato nascia;
O cordeiro, mais abaixo,
Na veia² de água bebia.

A fera, que desavir-se³
Co'a mansa rês⁴ desejava,
Num tom severo e medonho,
Desta sorte lhe falava:

“Por que motivo me turvas⁵
A água que estou bebendo?”
E o cordeirinho inocente

1 *De*: por.

2 *Veia*: veio, curso de água.

3 *Desavir-se*: desentender-se.

4 *Rês*: quadrúpede usado na alimentação humana.

5 *Turvar*: escurecer, sujar.

Assim respondeu, tremendo:

“Qual seja a razão que tenhas
De enfadar-te,⁶ não percebo!
Tu não vês que de ti corre
A mim esta água que bebo?”

Rebatida⁷ da verdade,
Tornou-lhe a fera cerval:⁸
“Aqui haverá⁹ seis meses,
Sei¹⁰ de mim disseste mal.”

Respondeu-lhe o cordeirinho
De frio medo oprimido:
“Nesse tempo, certamente,
Inda eu não era nascido!”

“Que importa? Se tu não foste,”
Disse o lobo carniceiro,
“Foi teu pai.” E, por aleives,¹¹
Lacera¹² o pobre cordeiro!

Esta fábula dá brados
Contra aqueles insolentes

6 *Enfadar-te*: aborrecer-te.

7 *Rebatida da verdade*: rechaçada, repelida pela verdade.

8 *Cerval*: feroz.

9 *Aqui haverá seis meses*: hoje deve estar fazendo seis meses.

10 *Sei*: sei que.

11 *Aleive*: traição, acusação falsa.

12 *Lacerar*: dilacerar, despedaçar.

Que por delitos fingidos
Oprimem os inocentes.

(Tradução do francês: F. M. G. DA SILVEIRA MALHÃO.)

JUÓ BANANERE

Juó Bananere (pronúncia com *é* aberto: *bananére*) é o pseudônimo literário de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, nascido em 1892 e falecido em 1933, em São Paulo. Foi engenheiro, mas desde a adolescência dedicou-se à composição de sátiras (escritos que criticam ou ridicularizam pessoas e situações). Essas sátiras, publicadas especialmente numa revista muito popular na época, *O Pirralho*, fizeram do suposto autor uma verdadeira personagem da vida paulista: Juó Bananere era o imigrante italiano que participava da atividade política e jornalística da cidade (ele se apresentava como “barbiere e giornalista”), simbolizando o grupo do ítalo-paulistas em ascensão social e vítimas da discriminação preconceituosa dos “velhos” paulistas.

O que há de mais notável nos textos de Juó Bananere, tanto em prosa como em verso, é a utilização de uma linguagem tecnicamente classificada como “macarrônica”, por consistir na mistura de duas línguas, ou na contaminação de uma língua por outra. No caso, trata-se do português italianado, que o autor imitava da linguagem dos ítalo-brasileiros que tanto influenciaram o falar paulista, como até hoje se nota. A obra principal de Juó Bananere é uma coletânea de poemas intitulada *La Divina Increnca* (1924), toda escrita nesse dialeto ítalo-português e constituída de paródias (textos que imitam outros textos de maneira brincalhona e crítica). Os textos parodiados são poemas famosos da literatura brasileira, portuguesa e universal (já no título há uma brincadeira com uma das maiores obras da poesia mundial, *La Divina Commedia*, de Dante Alighieri).

O LOBO I O GORDERIGNO¹

*Fábula di Lafontana
Traduço du Bananere*

Un dia n'un ribeiró,²
Chi³ tê lá nu Billezinho,⁴
Bebia certa casió⁵
Un bunito gorderigno.

Abebia⁶ o gorderigno,
Chetigno⁷ come un juriti,⁸
Quano⁹ du matto vizigno
Un brutto lobo saì.¹⁰

-
- 1 *Gorderigno*: cordeirinho. A pronúncia é *gorderinho*, pois o grupo *gn* deve, como em italiano, ser pronunciado como *nh*.
 - 2 *Ribeiró*: ribeirão (note a transformação do *-ão* em *-ó*).
 - 3 *Chi*: que. A pronúncia do *de ch* é sempre *k*; portanto, *chi* pronuncia-se *ki* (ou *qui*). Outras vezes Bananere grafa *che*.
 - 4 *Billezinho*: Belenzinho, bairro de S. Paulo onde houve grande concentração de imigrantes italianos.
 - 5 *Casió*: ocasião.
 - 6 *Abebia*: bebia. Os italianos adotaram a tendência vulgar da fala brasileira de acrescentar a diversos verbos o prefixo *a-*: *arretirar*, por *retirar*, etc.
 - 7 *Chetigno*: quietinho. Pronúncia, como se viu: *ketinho* (*quetinho*).
 - 8 *Juriti*: ave que, ao contrário do que seria de esperar no contexto, não é muda, pois é conhecida por seu canto melancólico.
 - 9 *Quano*: quando. É tendência da pronúncia italianada reduzir *-nd-* a *-n-*.
 - 10 *Saì*: saiu. A palavra é oxítona: *saí*; acento grave imita a forma italiana de certos verbos no perfeito.

O lobo assí che inxergô
O pobre gordero bibeno,
Os zoglios¹¹ arrigalô¹²
I logo já fui¹³ dizeno:

— Olá! ó sô gargamano!¹⁴
Intó¹⁵ vucê non stá veno,
Che vucê mi stá sujano
A água che io stô bibeno!?

— Ista é una brutta¹⁶ galúnia
Che o signore stá livantano!
Vamos xamá as tistimunia,
Foi o gordero aparlano...¹⁷

Num vê intó, incelência,¹⁸
Che du lado d'imbaixo stó io¹⁹
I che nessun ribero ne rio,²⁰
Non gorre nunca p'ra cima?²¹

11 *Zoglios*: olhos. O grupo *gl* deve, como em italiano, ser pronunciado como *lh*.

12 *Arrigalô*: arregalou.

13 *Fui*: foi.

14 *Gargamano*: carcamano. Designação pejorativa dada aos imigrantes italianos.

15 *Intó*: então.

16 *Brutta*: feia (palavra italiana incorporada à linguagem italianada de São Paulo e corrente até hoje).

17 *Aparlano*: falando. Formado do italiano *parlare*, com o prefixo *-a*.

18 *Incelência*: excelência. Tratamento muito formal e respeitoso.

19 *Stó io*: estou eu.

20 *Nessun ribero ne rio*: nenhum riacho nem rio.

21 *Bananere* se afasta às vezes do metro (medida do verso) de sete sílabas; nesta estrofe, abandonou também o esquemade rimas ABAB.

— Eh! non quero sabê di nada!
Si vucê non sugió a água,
Fui vucê chi a simana passada
Andó dizeno qui io sô un pau d'água.²²

— Mio Deuse! che farsidade!
Che genti maise²³ mentirosa,
Come cuntá istas prosa,²⁴
Si tegno seis dia d'indade?!²⁵

— Si non fui vucê chi aparlô,
Fui un molto apparicido,
Chi tambê tigna o pello cumprido
I di certo é tuo ermô.²⁶

— Giuro, ó inlustre amigo,
Che isto tambê é invençó!
Perché é verdade o che digo,
Che nunca tive un ermô.

— Pois se non fui tuo ermó,
Cabemos con ista mixida;²⁷
Fui di certo tuo avó
Che mexê²⁸ c'oa migna vida.

22 *Pau d'água*: bêbado.

23 *Maise*: mais.

24 *Istas prosa*: estas conversas.

25 *Indade*: idade.

26 *Ermó*: irmão.

27 *Mixida*: confusão.

28 *Mexê*: mexeu.

I aveno acusi²⁹ parlatu,
Apigó³⁰ nu gorderigno,
Carregó illo p'ru matto
I comeu illo intirigno.

MORALE: *O que vale nista vida é o muque!*³¹

29 *Acusi* (oxítono: *acusí*): assim. Do italiano *così*.

30 *Apigô*: pegou.

31 *Muque*: força bruta.

NELSON ASCHER

Nascido em 1958, em São Paulo, Nelson Ascher é poeta, crítico, jornalista e tradutor de poesia. A “Fábula” que leremos, extraída de seu último livro de poemas, *Algo de Sol* (1996), é um exemplo brilhante da ironia, do humor, da crítica aguda e da habilidade que caracterizam a produção deste escritor culto e versátil. O texto foi composto por ocasião do terceiro centenário da morte de La Fontaine (1995).

Parte significativa da poesia de Nelson Ascher destina-se a apreciadores de poesia que já tenham alguma experiência literária; seus poemas são geralmente elaborados em longas frases enredadas, que pedem leitura paciente e armam uma sofisticada rede de referências culturais. O poema seguinte, porém, pode ser entendido com pequeno esforço. Ele faz parte do livro de estréia do autor, *Ponta da Língua* (1983), e constitui o que se chama uma “arte poética”, pois se refere à poesia, especificamente a de Nelson Ascher. Nele o poeta descreve, com uma imagem forte (afiar a lâmina), seu trabalho cuidadoso, perfeccionista, até obsessivo. Fala também de um elemento central da sua poética, isto é, da sua concepção de poesia: a relação “enviesada” entre o autor e seu texto. Não falta a esta pequena e primorosa composição um leve toque de humor e auto-ironia, característicos do poeta.

meu verso

meu verso afio
(navalha velha)
dias a fio
e se me espelha
— mas não me fio —
é só de esquelha

Vocabulário: *Fiar-se*: confiar.

Espelhar: refletir, retratar.

De esquelha: obliquamente, de lado, indiretamente.

Nota: O sujeito de *espelha* é, evidentemente, *meu verso*.

FÁBULA

Nelson Ascher

Bebia água no Vístula¹ um cordeiro chamado Baranówicz,² quando um lobo, coronel Wolfgang,³ veio e, sobranceiro,⁴ lhe disse:

— Você pensa que sou bobo, que eu não o vejo envenenando o rio há muitos anos e espalhando a Peste?⁵

— Mas nós morremos séculos a fio, também, de causa igual.

— Não me moleste com esse irrelevante⁶ pormenor. Vocês são todos ricos e eu sou pobre⁷.

-
- 1 Principal rio da Polônia; é à beira dele que se situa a capital do país, Varsóvia.
 - 2 *Baranówicz*: sobrenome polonês derivado do radical eslavo *baran*, “cordeiro”.
 - 3 *Wolfgang*: nome alemão formado com *wolf*, “lobo”.
 - 4 *Sobranceiro*: 1. que está superior, acima de, e 2. orgulhoso, arrogante.
 - 5 Na Idade Média, os judeus eram habitualmente acusados de envenenar as águas de poços, fontes e rios e de serem, portanto, os causadores da Peste Negra.
 - 6 *Irrelevante*: sem importância.
 - 7 Muitos anti-semitas proclamam que todos os judeus são ricos e dominam as finanças do mundo.

— Como sou rico se não tenho um cobre?
Os Senhores controlam a maior
empresa, enquanto estou desempregado.

— Você conspira e apóia, do outro lado
do Vístula, o inimigo.⁸ Não insista,
capitalista-ovino-bolchevista.⁹

— Mas os ursos¹⁰ de lá, seus caros primos,
nos comem com desculpa semelhante...

— Você, cosmopolita¹¹ como vimos,
não é nada ariano.¹²

— Como assim?

Perdoe-me, não queria ser pedante,¹³
mas *aries*¹⁴ é carneiro em bom latim.

— Sei disso e, embora seja um lobo culto,

8 A leste da Polônia e, portanto, do Vístula, ficava a União Soviética.

9 *Ovino*: referente a ovelha. — Os judeus eram acusados pelos anti-semitas de serem ao mesmo tempo capitalistas e comunistas; *bolchevista* é um sinônimo de comunista.

10 O urso é um animal habitualmente associado à Rússia e os russos.

11 *Cosmopolita*: cidadão do mundo, que não toma nenhum país como pátria. — “Cosmopolitas”, “apátridas” e “desenraizados” eram outras acusações feitas tanto pelos direitistas quanto pelos esquerdistas contra os judeus.

12 De acordo com a doutrina nazista, a humanidade se dividia numa hierarquia de raças e no topo destas estavam os arianos, isto é, basicamente os próprios alemães. O termo *ariano* vem de uma antiga palavra indo-européia que significava “nobre” e está na raiz do termo *ARISTocrata*.

13 *Pedante*: pretensioso, que procura exhibir conhecimentos que não possui.

14 Jogo de palavras entre *ariano* (aristocrata) e *ariano* (derivado de *aries*, “carneiro”, em latim, palavra formada com uma raiz diferente).

um *Kulturwolf*,¹⁵ não lhe darei indulto
porque vocês mataram Jesus Cristo.¹⁶

— Foi a loba romana¹⁷ que fez isto
e mesmo que um cordeiro fosse o algoz¹⁸
de quem, como *Agnus Dei*,¹⁹ era um de nós,
seria assunto nosso.

— Ovino arisco
e cínico, já chega de pilhéria.²⁰
Ordens se cumprem:²¹ vamos, pois no aprisco²²
de Oswiécin²³ há trabalho que libera.²⁴
Farei, após havê-lo tosquiado,
com sua pele de cordeiro um manto

15 *Kulturwolf* (alemão; pronúncia *kulturrvolf*): “lobo ligado à cultura”. Trata-se de um jogo de palavras com *Kulturvolk* (pronúncia *kulturfolk*), “povo ligado à cultura”, que é como muitos alemães nacionalistas gostavam de se definir.

16 Até os anos 60 do presente século, a própria Igreja católica acusava os judeus de terem sido os assassinos de Cristo.

17 Referência ao fato de que foram as autoridades romanas (que na época de Cristo governavam a Judéia) que realmente executaram Jesus. — Segundo um mito antigo, as origens de Roma estariam ligadas a uma loba, que teria alimentado os gêmeos Rômulo e Remo.

18 *Algoz*: carrasco.

19 *Agnus Dei* (latim): “cordeiro de Deus”, um dos epítetos de Cristo e referência também ao costume religioso judaico daqueles tempos de sacrificar cordeiros durante o Pessach (a Páscoa judaica) no Templo de Jerusalém.

20 *Pilhéria*: brincadeira, piada.

21 No julgamento dos nazistas em Nuremberg, todos eles, inclusive generais e outros líderes, alegaram que estavam apenas “cumprindo ordens”.

22 *Aprisco*: curral.

23 *Oswiécin* (polonês; pronúncia *ochuiéntsín*): nome polonês de Auschwitz, o principal campo nazista de extermínio. Na Europa Oriental, muitos lugares têm nomes em duas ou três línguas diferentes. Auschwitz é uma localidade na Polônia.

24 Na entrada de Auschwitz estava escrito, em alemão: “O trabalho libera”.

para aquecer-me neste inverno²⁵ enquanto
nós lobos conquistamos Stalingrado.²⁶

Desprezando os balidos derradeiros
de Baranówicz — livres dos cordeiros! —,
os outros ruminantes, todavia,
pastavam perto sem perder a calma.²⁷
Wolfgang, formando-se em filosofia
anos depois (com tese acerca *D'Alma
Lupina e seu Transcendental Destino*),²⁸
reingressou, pela esquerda, na política
(não sem antes fazer sua autocrítica)
para conter o imperialismo ovino.²⁹

25 Referência aos versos de Roberto Carlos: “Só quero que você / Me aqueça neste inverno / E que tudo mais / Vá pro inferno”.

26 A batalha de Stalingrado (cidade russa à beira do Volga), no inverno de 42/43, foi a primeira grande derrota dos alemães na sua invasão da União Soviética.

27 Referência ao fato de que a maior parte dos países ocupados pelos nazistas ou seus aliados, quando não colaboraram ativamente com o extermínio dos judeus, acompanharam esse processo com indiferença ou até com certa satisfação.

28 O autor brinca com os títulos pomposos de muitos tratados filosóficos alemães e faz referência ao principal filósofo alemão deste século, Martin Heidegger, que simpatizou com o nazismo.

29 Referência ao fato de que, no pós-guerra (ou seja, a partir de 1945), num quadro político polarizado entre a direita e a esquerda, o anti-semitismo, antes próprio da direita, passou a ter seu lugar também à esquerda.

HISTÓRIA FILOSÓFICA

VOLTAIRE

Voltaire (pronúncia: *voltérr*. A letra *l* não deve ser pronunciada como *u*, mas sim como se ela estivesse diante de uma vogal), pseudônimo literário de François-Marie Arouet (pronúncia: *frãçuá marrí arrué*) nasceu e morreu em Paris (1694-1778). Perspicaz, irreverente e ousado, ainda jovem foi preso na Bastilha, graças a uma sátira ao governo de Luís XIV. Levou vida agitada, marcada pela polêmica, sendo obrigado a exilar-se na Inglaterra e a refugiar-se, mais tarde, na corte de Berlim. Colaborou na célebre *Enciclopédia*, organizada por Diderot (pronúncia *did'rô*), e ajudou a preparar, voluntária ou involuntariamente, a Revolução Francesa. Só pôde retornar a Paris ao final de sua vida, quando foi aclamado como uma das maiores figuras da França. Voltaire cultivou praticamente todos os gêneros (a epopéia, o drama teatral, a novela, o conto, a carta filosófica) e compôs uma obra imensa, de grande influência literária e social. Segundo o escritor Jorge Luis Borges, “o estilo de Voltaire é o mais elevado e límpido de sua língua, e é feito de palavras sem ornamentos, cada uma em seu lugar”.

Voltaire criou a palavra otimismo, para qualificar a filosofia de Leibniz (1646-1716 — pronúncia *láibnits*), que condenava. Leibniz havia procurado demonstrar que vivemos “no melhor dos mundos possíveis”, e Voltaire satirizou essa idéia em sua obra-prima, a novela *Cândido ou do otimismo*. Nela, o insensato Doutor Pangloss é um homem que afirma, em meio às piores desgraças, que “tudo vai da melhor maneira no melhor dos mundos possíveis”. Exemplo de conto filosófico, “Mênon ou a sabedoria humana” é também uma síntese da crítica de Voltaire à filosofia otimista de Leibniz.

MÊNON OU A SABEDORIA HUMANA

Voltaire

Mênon concebeu um dia o projeto insensato de ser perfeitamente sábio. Não existe nenhum homem ao qual essa loucura não tenha, algumas vezes, passado pela cabeça. Mênon disse a si mesmo: “Para ser muito sábio, e portanto muito feliz, basta viver sem paixões; e nada é mais fácil, como se sabe. Em primeiro lugar, não amarei jamais nenhuma mulher; pois, ao ver uma beleza perfeita, eu direi a mim mesmo: essas faces que vejo se enrugarão um dia; o contorno desses belos olhos se tingirá de vermelho; esses seios redondos se tornarão achatados e flácidos, essa bela cabeça será amanhã calva. Ora, basta que eu a veja com os mesmos olhos com que a verei no futuro, e seguramente essa cabeça não fará girar a minha.

Em segundo lugar, serei sempre sóbrio: será em vão que serei tentado pela boa mesa, pelos vinhos deliciosos, pela sedução da sociedade;¹ bastará que eu imagine as conseqüências dos excessos — uma cabeça pesada, um estômago embrulhado, a perda da razão, da saúde e do tempo — e então eu não comerei senão o necessário; mantereí sempre minha saúde, e minhas idéias serão sempre puras e luminosas. Tudo isso é tão fácil que não há nenhum mérito em conseguir fazê-lo.

1 *Sedução da sociedade*: sedução da vida mundana, da vida “nas rodas da sociedade”, em festas, reuniões etc..

Depois, dizia Mênon a si mesmo, é preciso pensar um pouco na minha riqueza; meus desejos são moderados; meus bens estão em segurança, confiados² ao coletor geral de finanças de Nínive;³ tenho com que viver de modo independente: o maior dos bens está nisso. Não me verei jamais na cruel necessidade de cortejar⁴ para obter algo; eu não invejarei ninguém, e ninguém me invejará. Eis aí outra coisa que também é muito fácil. Tenho amigos — prosseguia — e conservarei sempre sua amizade, uma vez que eles não terão nada a disputar comigo. Eu não terei jamais nenhum aborrecimento com eles, nem eles comigo; isso é absolutamente fácil.

Tendo criado assim, em seu quarto, seu pequeno projeto de sabedoria, Mênon levou sua cabeça à janela. Ele viu duas mulheres que caminhavam sob os plátanos⁵ perto de sua casa. Uma era velha, e parecia não pensar em coisa alguma; a outra era jovem, bonita, e parecia muito preocupada. Ela suspirava, chorava, e com isso se tornava ainda mais encantadora. Nosso sábio sensibilizou-se, não pela beleza da dama (ele tinha bastante certeza de não sentir uma tal fraqueza), mas pela aflição em que a via. Ele desceu; abordou a jovem niniviana⁶ no intuito de consolá-la com sabedoria. Essa bela pessoa lhe contou, com o ar mais ingênuo e mais tocante,⁷ todo o mal que lhe causava um tio que ela não tinha; contou com que artifícios ele lhe tinha roubado um bem que ela nunca havia possuído, e tudo o que ela podia temer da violência do tio. “O senhor me parece um homem tão sábio, ela lhe disse, que

2 *Confiado*: colocado sob a guarda e os cuidados de alguém.

3 *Nínive*: na Ásia antiga, capital do antigo reino da Assíria, situada à margem esquerda do rio Tigre.

4 *Cortejar*: lisonjear ou obsequiar alguém a fim de obter um favor.

5 *Plátano*: tipo de árvore, da família das platanáceas.

6 *Niniviano*: habitante da cidade de Nínive. Usa-se também a forma *ninivita*.

7 *Tocante*: comovente.

se o senhor tivesse a gentileza de vir até a minha casa, e de examinar de perto os meus negócios, estou certa de que o senhor me tiraria da dificuldade cruel em que me encontro.” Mênon não hesitou em segui-la, para examinar seus negócios cautelosamente e lhe dar um bom conselho.

A dama aflita o conduziu a um quarto perfumado, e o fez sentar-se com ela polidamente⁸ num grande sofá, onde os dois se mantinham de pernas cruzadas um diante do outro. A dama falou baixando os olhos, dos quais por vezes escapavam lágrimas, e que, erguendo-se, reencontravam sempre os olhares do sábio Mênon. Suas palavras eram cheias de um enternecimento que se redobrava a cada vez que seus olhares se encontravam. Mênon se envolvia profundamente com os negócios da dama, e sentia a cada momento o máximo desejo de ser útil a uma pessoa tão honesta e tão infeliz. No calor de sua conversa, eles insensivelmente deixaram de ficar diante um do outro. As suas pernas não ficaram mais cruzadas. Mênon a aconselhou tão de perto, e lhe deu recomendações tão afetuosas, que eles não podiam nem um nem outro falar de negócios, e não sabiam mais onde estavam.

Como estavam nesse ponto, chega o tio, do modo como se pode bem imaginar: ele estava armado da cabeça aos pés; e a primeira coisa que ele disse foi que ia matar, como era justo, o sábio Mênon e sua sobrinha; a última coisa que lhe escapou da boca foi que ele podia perdoar o ocorrido, por muito dinheiro. Mênon viu-se obrigado a dar tudo o que tinha. Era-se feliz, nesses tempos, de poder ficar quite⁹ por um preço tão baixo; a América

8 *Polidamente*: de modo educado, bem-comportado.

9 *Quite*: livre de dívida; desobrigado, quitado.

ainda não havia sido descoberta¹⁰ e as damas aflitas estavam longe de ser tão perigosas quanto o são hoje em dia.

Mênon, envergonhado e desesperado, voltou para casa: encontrou aí um bilhete que o convidava a jantar com alguns de seus amigos íntimos. “Se eu ficar sozinho em casa, ele diz, terei o espírito tomado pela minha triste aventura, e não comerei nada; eu ficarei doente; é melhor ir fazer uma refeição frugal¹¹ com meus amigos íntimos. Esquecerei, na doçura de sua companhia, a estupidez que cometi esta manhã.” Ele vai ao encontro marcado; acham-no um pouco triste. Fazem-no beber para dissipar¹² a tristeza. Um pouco de vinho bebido moderadamente é um remédio para a alma e para o corpo. É assim que pensa o sábio Mênon; ele se inebria.¹³ Propõem a ele um jogo depois da refeição. Um jogo com amigos, regrado, é um passatempo honesto. Ele joga; ganham-lhe tudo o que traz em seu bolso, e ainda quatro vezes mais no compromisso de sua palavra.¹⁴ Uma disputa nasce do jogo, os ânimos se inflamam: um de seus amigos íntimos atira-lhe na cabeça um copo de dados, e lhe vaza um olho. O sábio Mênon é levado para casa bêbado, sem dinheiro, e com um olho a menos.

Ele curte um pouco a sua ressaca e, assim que sente a cabeça mais leve, manda seu criado buscar dinheiro, junto ao coletor geral de finanças de Nínive, para pagar seus amigos íntimos: dizem-lhe que seu devedor teve pela manhã uma bancarrota fraudulenta,¹⁵ que deixa cem famílias alarmadas. Mênon,

10 *A América ainda não havia sido descoberta*: na época (século XVIII) era comum, na França, deportar as prostitutas para a colônia francesa na América, Nova Orleans. O conto de Voltaire, no entanto, passa-se na Antiguidade.

11 *Frugal*: modesto, que se contenta com pouco.

12 *Dissipar*: fazer desaparecer, desfazer.

13 *Inebriar-se*: embriagar-se.

14 *No compromisso da palavra*: sob juramento (de pagar a dívida).

15 *Bancarrota fraudulenta*: falência decorrente de fraudes.

furiioso, vai à corte¹⁶ tendo um emplastro¹⁷ sobre o olho e uma petição nas mãos, para pedir justiça ao rei contra o bancarroteiro. Ele encontra num salão várias damas que vestiam todas, com um ar muito desembaraçado, crinolinas¹⁸ de vinte e quatro pés¹⁹ de circunferência. Uma delas, que o conhecia um pouco, diz, olhando-o de lado: “Oh, que horror!” Uma outra, que o conhecia um pouco mais, lhe diz: “Boa-tarde, senhor Mênon! Esteja certo, Sr. Mênon, estou muito satisfeita de vê-lo; a propósito, Sr. Mênon, por que o senhor perdeu um olho?” E ela avançou, sem esperar sua resposta. Mênon se recolheu a um canto, e esperou o momento em que pudesse se lançar aos pés do monarca. Esse momento chegou. Ele beijou três vezes a terra, e apresentou sua solicitação. Sua Graciosa Majestade recebeu-o muito favoravelmente, e entregou o relatório a um de seus sátrapas,²⁰ para informá-lo acerca do ocorrido. O sátrapa chama Mênon à parte, e lhe diz com um ar altivo, caçoando amargamente: “Eu o considero um caolho gozador, por preferir dirigir-se ao rei e não a mim, e ainda mais gozador pelo fato de ousar pedir justiça contra um honesto bancarroteiro, que goza da minha proteção, e que é o sobrinho de uma criada de quarto de minha amante. Abandone esse caso, meu amigo, se o senhor quer conservar o olho que lhe resta.”

Mênon, tendo assim renunciado pela manhã às mulheres, aos excessos da mesa,²¹ ao jogo, a toda disputa, e sobretudo à

16 *Corte*: o espaço ocupado por um soberano e pelas pessoas que normalmente o cercam.

17 *Emplastro*: medicamento que amolece ao calor e adere ao corpo.

18 *Crinolina*: anágua de crinolina (tecido resistente usado em forros), usada para armar ou entufar a saia.

19 *Pé*: medida linear de 12 polegadas, equivalente a cerca de 30 cm.

20 *Sátrapa*: na Pérsia antiga, um governador de província. O termo designa, de modo geral, um homem poderoso.

21 *Excessos da mesa*: os excessos referentes aos prazeres da alimentação e da bebida.

corde, tinha sido, antes que a noite chegasse, enganado e roubado por uma bela dama, se tinha embebedado, havia jogado, tinha tido uma disputa, tinha conseguido perder um olho, e tinha estado na corte, onde tinham zombado dele.

Petrificado pela surpresa e aflito de dor, ele volta com a morte no coração. Ele deseja chegar em casa; nela, encontra meirinhos²² que, vindos da parte de seus credores, lhe tomavam os móveis. Ele fica sob um plátano, quase desmaiado; encontra aí a bela dama da manhã, que passeava com seu querido tio, e que rebentou de rir ao ver Mênon com um emplastro. A noite veio; Mênon se deitou sobre a palha junto às paredes de sua casa. A febre apoderou-se dele; ele adormeceu sob o poder desse acesso de febre, e um espírito celeste lhe apareceu em sonho.

Ele era todo resplandecente de luz. Tinha seis belas asas, mas nenhum pé, nem cabeça, nem rabo, nem se parecia a coisa alguma. “Quem é você?”, lhe diz Mênon. — “O seu gênio protetor”, respondeu-lhe o outro. — “Então, traga-me de volta meu olho, minha saúde, minha riqueza, minha sabedoria”, disse-lhe Mênon. E a seguir ele lhe contou como havia perdido tudo isso num só dia. “Eis aí aventuras que, no mundo que habitamos, não nos acontecem jamais”, disse o espírito. — “E qual é o mundo que você habita?”, diz o homem aflito. — “Minha pátria, ele responde, fica a quinhentos milhões de léguas²³ do sol, numa pequena estrela perto de Sírio,²⁴ que você avista daqui. — “Belo país!”, diz Mênon; “Mas como assim? Então vocês não têm de modo nenhum,

22 *Meirinho*: antigo funcionário judicial, correspondente ao oficial de justiça de hoje.

23 *Léguas*: antiga unidade de medida, equivalente a 6.600 metros.

24 *Sírio*: grande estrela da constelação do Cão Maior.

entre vocês, mulheres vigaristas²⁵ que enganam um pobre homem, não têm absolutamente amigos íntimos que lhe roubam o dinheiro e lhe vazam um olho, não têm nem sombra de bancarroteiros, e nem sequer de sátrapas que debocham de vocês, recusando-se a fazer justiça?” — “Não”, diz o habitante da estrela, “não temos nada disso. Nós não somos jamais enganados pelas mulheres, porque não as temos; nós não cometemos nenhum excesso de mesa, porque não comemos; não temos nenhum bancarroteiro, porque entre nós não existe nem o ouro nem a prata; entre nós, não temos como nos vazar os olhos, porque não temos nenhum corpo que se assemelhe ao de vocês; e os sátrapas não nos fazem jamais injustiça, porque em nossa pequena estrela todos são iguais.”

Mênon lhe diz então: “Senhor, sem mulheres e sem jantares, como passam vocês o tempo?” — “Passamos o tempo”, diz o gênio, “a cuidar dos outros globos que estão sob a nossa guarda; e eu estou aqui para consolar você.” — “Ah, é pena!”, diz Mênon, “por que você não veio à noite passada, para impedir-me de cometer tantas loucuras?” — “Eu estava ao lado de Assan, seu irmão mais velho”, diz o ser celestial. “Ele inspira mais pena do que você. Sua Graciosa Majestade o rei das Índias, em cuja corte ele tem a honra de estar, fez que lhe vazassem os dois olhos por causa de uma pequena indiscrição, e seu irmão está no momento num calabouço,²⁶ com grilhões nas mãos e nos pés.” — “Vejo que vale mesmo a pena”, diz Mênon, “ter um gênio protetor numa família, para que, havendo dois irmãos, um seja caolho, e o outro, cego; um durma sobre a palha, e o outro numa prisão.” — “Sua sorte mudará”, prosseguiu o ser da estrela; “é verdade que você

25 *Vigarista*: aquele que passa em alguém o “conto-do-vigário”, um embuste para obter dinheiro, aproveitando-se da boa-fé da vítima.

26 *Calabouço*: prisão subterrânea, masmorra.

será sempre caolho; mas, pondo-se isso de lado, você será bastante feliz, desde que não faça jamais o projeto tonto de ser perfeitamente sábio.” — “Trata-se então de algo que é impossível alcançar?”, exclamou Mênon, suspirando. — “Tão impossível”, replicou o outro, “quanto ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso, perfeitamente feliz. Mesmo nós outros, nós estamos bem longe disso. Há um globo onde tudo isso se encontra; mas nos cem bilhões de mundos que estão dispersos no espaço, tudo se encadeia gradativamente. Tem-se menos sabedoria e prazer no segundo do que no primeiro, menos no terceiro do que no segundo, e assim por diante até o último, onde todos são completamente loucos.” — “Tenho muito medo”, diz Mênon, “de que nosso pequeno orbe terráqueo²⁷ seja precisamente o asilo de loucos do universo que você me faz a honra de descrever.” — “Inteiramente, não”, disse o espírito, “mas ele se aproxima disso: é preciso que tudo esteja em seu lugar.” — “Mas então”, diz Mênon, “certos poetas, certos filósofos, cometem eles um grande erro ao dizer que *tudo está bem*? — “Eles têm muita razão”, diz o filósofo do além, “se se considera o arranjo do universo inteiro.” — “Ah, eu só acreditarei nisso”, replicou o pobre Mênon, “quando eu não for mais caolho.”

(Tradução do francês: ROGÉRIO HAFEZ.)

27 *Orbe terráqueo*: o planeta Terra.

HISTÓRIAS SENTIMENTAIS

OSCAR WILDE

Oscar Wilde (pronúncia: *óscar uáild*) nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1856. Estudou em Oxford (Inglaterra) e desde cedo se fez notar pela inteligência brilhante. Em 1878 transferiu-se para Londres, onde publicou seus primeiros poemas. Obteve sucesso e reconhecimento como autor de peças teatrais, como *A Importância de Ser Prudente*, *O Leque de Lady Windermere*, *Uma Mulher sem Importância* e *O Marido Ideal*. Seu único romance é *O Retrato de Dorian Gray*, de 1891.

Costumam-se citar frases espirituosas e mordazes de sua autoria. Alguns exemplos: “Só as pessoas superficiais não dão importância às aparências”, “Só as pessoas superficiais conhecem a si mesmas”, “Experiência é o nome que todos dão a seus enganos”, “A vida é importante demais para que se fale seriamente a respeito dela”, “Os velhos acreditam em tudo; os de meia-idade suspeitam de tudo; os jovens sabem tudo” (claro que esta frase é irônica — isto é, diz aparentemente o contrário do que quer dizer, pois se trata de uma observação sobre a presunção dos jovens, que imaginam saber tudo). Há uma frase da Grécia antiga segundo a qual “Quem os deuses amam morre jovem”; Wilde “corrigiu”: “Quem os deuses amam rejuvenesce”.

Os contos apresentados a seguir, influenciados pelas narrativas de Hans Christian Andersen (grande autor de histórias infantis), foram escritos para seus próprios filhos e têm estilo poético e emotivo, bastante diferente da escrita irônica que é das características mais salientes de sua obra. Nestes contos, o autor procura despertar os sentimentos de piedade e compaixão, com o intuito de comunicar, por meios emocionais, uma reflexão moral acerca da conduta humana.

Oscar Wilde, depois de enfrentar tremendas dificuldades na Inglaterra (foi processado e condenado à prisão por “conduta indecente”), passou o fim de sua vida na França e morreu em 1900.

O GIGANTE EGOÍSTA

Oscar Wilde

Todas as tardes, quando saíam da escola, as crianças costumavam ir brincar no jardim do Gigante.

Era um grande e lindo jardim, com grama verde e macia. Aqui e ali, sobre a relva, encontravam-se flores belas como estrelas, e havia doze pessegueiros que na primavera abriam-se em flores delicadas cor de rosa e pérola, e no outono produziam ricos frutos. Pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças paravam suas brincadeiras para ouvi-los. “Como somos felizes aqui!” exclamavam umas às outras.

Um dia o Gigante voltou. Ele tinha ido visitar seu amigo, o ogro da Cornualha¹, e ficara sete anos com ele. Passados os setes anos ele já havia dito tudo o que tinha para dizer, pois sua conversa era limitada, e decidiu voltar para o seu próprio castelo. Ao chegar, viu as crianças brincando no jardim.

“O que vocês estão fazendo aqui?” berrou ele com voz muito ríspida. E as crianças saíram correndo.

“O meu jardim é o meu jardim,” disse o Gigante. “Qualquer um pode compreender isso, e não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.” Assim, construiu ao redor do jardim um muro alto e pôs um cartaz:

1 *Ogro*: monstro imaginário que dá medo às crianças, bicho-papão. *Cornualha*: região ao sudoeste da Inglaterra.

OS INVASORES SERÃO PROCESSADOS

Era um Gigante muito egoísta.

As pobres crianças não tinham mais onde brincar. Tentaram brincar na estrada, mas a estrada era muito poeirenta e cheia de pedras duras, e elas não gostavam disso. Depois das aulas, costumavam passear em volta do alto muro e conversar sobre o jardim que havia do outro lado: “Como éramos felizes lá!” diziam umas às outras.

Então veio a Primavera, e todo o país cobriu-se de pequenas flores e passarinhos. Somente no jardim do Gigante Egoísta ainda continuava inverno. Os pássaros não queriam cantar porque ali não havia crianças, e as árvores esqueceram-se de florescer. Uma vez uma linda flor pôs sua cabeça para fora da grama, mas quando viu o cartaz ficou tão sentida pelas crianças que se enfiou de novo na terra e continuou a dormir. Os únicos que estavam satisfeitos eram a Neve e a Geada. “A Primavera esqueceu-se deste jardim,” exclamaram, “logo, poderemos viver aqui o ano inteiro.” A Neve cobriu a grama com seu grande manto branco, e a Geada prateou todas as árvores. Então convidaram o Vento do Norte para se hospedar com eles, e ele veio. Vivia enrolado em peles e urrava o dia inteiro pelo jardim, derrubando as chaminés com seu sopro. “Este é lugar é delicioso,” disse ele, “precisamos chamar o Granizo para uma visita.” E o Granizo veio. Todos os dias, durante três horas, ele estrondava no telhado do castelo até quebrar grande parte das telhas de ardósia, e depois corria e corria pelo jardim o mais rápido que podia. Vestia-se de cinza e seu hálito era como o gelo.

“Não entendo porque a Primavera está tão atrasada,” disse

o Gigante Egoísta, sentando-se à janela e olhando para seu jardim branco e frio; “espero que o clima mude logo.”

Mas a Primavera não veio, nem o Verão. O Outono deu frutos dourados a todos os jardins, mas ao jardim do Gigante não deu nada. “Ele é muito egoísta,” disse o Outono. Assim, ficou sendo sempre Inverno ali: o Vento do Norte e o Granizo, a Geadas e a Neve dançavam entre as árvores.

Certa manhã, estava o Gigante acordado, deitado na cama, quando ouviu uma música encantadora. Soava tão doce a seus ouvidos que ele pensou que fossem os músicos do Rei passando por ali. Na realidade, era apenas um pintarroxo cantando do lado de fora da janela, mas fazia tanto tempo que ele não ouvia um passarinho cantar em seu jardim que aquela lhe pareceu a música mais linda do mundo. E então o Granizo parou de dançar sobre sua cabeça, e o Vento do Norte cessou de rugir, e um perfume delicioso chegou até ele através da janela. “Acho que a Primavera finalmente chegou,” disse o Gigante, pulando da cama para olhar para fora.

O que ele viu?

A mais maravilhosa das visões. Por um buraco no muro as crianças tinham conseguido entrar, e estavam sentadas nos galhos das árvores. Em cada árvore que ele podia ver havia uma criança. E as árvores estavam tão felizes em ter as crianças de volta que se cobriram de flores e ondulavam seus braços delicadamente sobre a cabeça das crianças. Os pássaros voavam ao redor e gorjeavam com prazer; as flores espiavam através da relva e sorriam. Era uma cena encantadora; somente em um canto ainda continuava inverno. Era o canto mais afastado do jardim, e ali estava de pé um menininho. Era tão pequeno que não podia alcançar os ramos da árvore, e estava andando em volta dela, chorando amargurado. A pobre árvore continuava coberta de gelo e neve, e o Vento do

Norte continuava soprando e rugindo ao seu redor. “Suba, menino!” dizia a Árvore, abaixando seus galhos o mais que podia; mas o menino era pequeno demais.

E o coração do Gigante derreteu-se quando ele olhou lá fora. “Como tenho sido egoísta!” disse ele; “agora eu sei por que a Primavera não queria vir aqui. Vou colocar aquele pobre menininho em cima da árvore, depois vou derrubar o muro, e meu jardim vai ser o jardim das crianças para todo o sempre.” Ele estava realmente muito arrependido do que fizera.

Então, desceu lentamente as escadas, abriu a porta da frente com muita delicadeza e entrou no jardim. Mas, quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que saíram todas correndo, e no jardim fez-se inverno outra vez. Apenas o menininho não correu, porque seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que ele não viu o Gigante aproximar-se. E o Gigante foi na ponta dos pés atrás dele e o tomou delicadamente em sua mão e o colocou em cima da árvore. E a árvore floresceu de repente, e os pássaros vieram cantar sobre ela, e o menininho esticou seus braços, lançou-se em volta do pescoço do Gigante e o beijou. As outras crianças, quando viram que o Gigante não era mais malvado, voltaram correndo, e com elas voltou a Primavera. “Agora o jardim é de vocês, crianças,” disse o Gigante. E, pegando um grande machado, derrubou o muro. Quando as pessoas começaram a ir ao mercado, ao meio-dia, viram o Gigante brincando com as crianças no jardim mais belo que jamais tinham visto.

Brincaram o dia inteiro, e no fim da tarde vieram despedir-se do Gigante.

“Mas onde está o companheirinho de vocês?” disse ele, “o menino que coloquei na árvore.” O Gigante gostava mais dele porque ele lhe dera um beijo.

“Não sabemos,” responderam as crianças, “ele foi embo-

ra.”

“Vocês devem dizer a ele para não deixar de vir amanhã,” disse o Gigante. Mas as crianças disseram que não sabiam onde ele morava e que nunca o tinham visto antes. O Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, quando acabavam as aulas, as crianças iam brincar com o Gigante. Mas o menininho de quem o Gigante gostava nunca mais apareceu. O Gigante era muito amável com todas as crianças, mas sentia saudade de seu primeiro amiguinho e sempre falava dele. “Como eu gostaria de revê-lo!” costumava dizer.

Os anos se passaram, e o Gigante ficou velho e fraco. Já não podia mais brincar, então acomodava-se numa enorme poltrona e ficava assistindo às brincadeiras das crianças e admirando seu jardim. “Tenho muitas flores bonitas,” dizia, “mas as crianças são as mais belas de todas as flores.”

Certa manhã de inverno, ele olhou pela janela enquanto se vestia. Já não odiava o Inverno, pois sabia que este era o merecido sono da Primavera, e que as flores estavam descansando.

De repente esfregou seus olhos, admirado, e olhou e olhou. Sem dúvida era uma visão maravilhosa. No mais longínquo canto do jardim havia uma árvore toda coberta de lindos botões brancos. Seus galhos eram dourados, e deles pendiam frutos de prata. Debaixo dela estava o menininho que ele amava.

O Gigante desceu correndo as escadas com grande alegria e saiu para o jardim. Atravessou depressa o gramado e aproximou-se do menino. Quando chegou bem perto, seu rosto ficou vermelho de raiva, e ele disse: “Quem ousou ferir você?” Pois nas palmas das mãos do menino havia marcas de dois pregos, e havia marcas de dois pregos também em seus pezinhos.

“Quem ousou ferir você?” gritou o Gigante; “diga-me, que

tomarei a minha grande espada para matá-lo.”

“Não!” respondeu o menino, “pois estas são as feridas do Amor.”

“Quem é você?” indagou o Gigante. E um estranho temor caiu sobre ele, fazendo-o ajoelhar-se diante da criança.

O menino sorriu para o Gigante e lhe disse: “Uma vez você me deixou brincar em seu jardim, hoje você virá comigo ao meu jardim, que é o Paraíso.”

E quando as crianças vieram correndo, naquela tarde, encontraram o Gigante morto, debaixo da árvore, todo coberto de flores brancas.

(Tradução do inglês: ISABEL DE LORENZO.)

O PRÍNCIPE FELIZ

Oscar Wilde

Por sobre a cidade, em cima de uma alta coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz. Era todo recoberto por finas folhas de ouro, tinha como olhos duas brilhantes safiras, e um grande rubi fulgia no punho de sua espada.

Ele era muito admirado. “É tão belo quanto um cata-vento,” observou um dos Conselheiros Municipais, que almejava ser considerado homem de gosto artístico. “Só que não é muito útil,” acrescentou, temendo que as pessoas o julgassem pouco prático, o que de fato ele não era.

“Por que você não é como o Príncipe Feliz?” perguntou uma mãe sensata ao seu filhinho que chorava pedindo a Lua. “O Príncipe Feliz nunca sonha em chorar por coisa alguma.”

“Fico contente que exista no mundo alguém inteiramente feliz,” murmurou um homem desiludido ao contemplar a magnífica estátua.

“É igualzinho a um anjo,” disseram as crianças do Orfanato ao saírem da catedral com seus brilhantes capotes vermelhos e seus aventais limpinhos e brancos.

“Como podem saber?” indagou o Professor de Matemática, “vocês nunca viram um.”

“Ah! Já vimos, sim, em nossos sonhos,” responderam as crianças. E o Professor de Matemática franziu as sobrancelhas e olhou para elas com ar muito severo, pois não aprovava que as

crianças sonhassem.

Certa noite, voou sobre a cidade uma pequena Andorinha. Suas companheiras tinham partido para o Egito seis semanas antes, mas ela ficara para trás, porque estava apaixonada pelo mais belo dos Juncos. Conhecera-o no início da primavera, quando voava ao longo do rio atrás de uma grande mariposa amarela, e ficara tão atraída por seu talhe delgado que parara para conversar com ele.

“Posso amar você?” perguntou a Andorinha, que gostava de ir direto ao assunto. E o Junco fez uma profunda reverência¹. Então ela ficou esvoaçando em volta dele, tocando a água com suas asas e provocando ondulações de prata. Era o seu modo de fazer a corte², e assim foi durante todo o verão.

“É uma ligação ridícula,” pipiaram as outras Andorinhas. “Ele não tem dinheiro, e tem parentes demais.” E, de fato, o rio estava bem cheio de Juncos.

Assim, quando o outono chegou, todas voaram para longe.

Depois que as outras partiram, ela sentiu-se solitária e começou a enfadar-se de seu amado. “Ele não sabe conversar,” disse consigo, “e temo que seja um galanteador³, pois está sempre flertando com a brisa.” E de fato, quando a brisa soprava, o Junco fazia as mais graciosas mesuras. “Tenho de admitir que ele é muito caseiro,” continuou, “mas eu gosto de viajar, e meu marido, conseqüentemente, deveria gostar de viajar também.”

“Quer partir comigo?” disse-lhe um dia enfim. Mas o Junco balançou negativamente a cabeça: estava tão preso ao seu lar!

“Você esteve brincando comigo,” protestou a Andorinha.

1 *Reverência*: saudação, mesura.

2 *Fazer a corte*: fazer galanteios, cortejar, flertar.

3 *Galanteador*: cortejador.

“Vou-me embora para as Pirâmides. Adeus!” E saiu voando.

Voou durante todo o dia e, à noite, chegou à cidade. “Onde me acomodarei?” pensou. “Espero que a cidade tenha feito preparativos.”

Então, viu a estátua no alto da coluna.

“Vou acomodar-me ali,” pensou. “É um ótimo local, com muito ar fresco.” E pousou exatamente entre os pés do Príncipe Feliz.

“Tenho uma cama de ouro,” disse baixinho a si mesma, olhando ao redor enquanto se preparava para dormir; mas, justamente quando estava enfiando a cabeça sob a asa, uma enorme gota d’água caiu-lhe em cima. “Que estranho!” exclamou. “Não há uma só nuvem no céu, as estrelas estão muito claras e brilhantes e, no entanto, está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente terrível. O Junco gostava da chuva, mas era apenas egoísmo dele.”

E caiu outra gota.

“De que serve uma estátua se não pode proteger da chuva?” disse. “É melhor procurar uma boa chaminé coberta,” e decidiu levantar vôo.

Porém, antes que abrisse as asas, uma terceira gota caiu, e ela olhou para cima e viu... Ah! O que foi que ela viu?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas escorriam em sua face dourada. Seu rosto era tão belo à luz da lua que a pequena Andorinha se encheu de compaixão.

“Quem é você?” indagou-lhe.

“Sou o Príncipe Feliz.”

“Então por que está chorando?” perguntou a Andorinha. “Você me encharcou inteira.”

“Quando eu era vivo e tinha um coração humano,” respondeu a estátua, “eu não sabia o que fossem as lágrimas, pois

viva no Palácio de Sans-Souci⁴, onde o sofrimento está proibido de entrar. De dia eu brincava com meus companheiros no jardim, e de noite eu conduzia as danças no Grande Salão. Em volta do jardim havia um muro muito alto, mas eu nunca me preocupei em perguntar o que havia além dele: tudo ao meu redor era tão bonito! Meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz, e de fato eu era feliz, se é que o prazer significa felicidade. Assim vivi e assim morri. E agora que estou morto colocaram-me aqui, tão alto que posso ver toda a feiúra e toda a miséria de minha cidade; embora meu coração seja feito de chumbo, não posso evitar de chorar.”

“O quê? Não é feito de ouro maciço?” disse a Andorinha com seus botões. Era educada demais para fazer comentários pessoais em voz alta.

“Longe daqui,” continuou a estátua em voz baixa e musical, “muito longe daqui, em uma ruela, há uma casa pobre. Uma das janelas está aberta, e através dela eu vejo uma mulher sentada a uma mesa. Tem o rosto é magro e fatigado, e as mãos ásperas e vermelhas, cheias de picadas de agulhas, pois é costureira. Está bordando flores de maracujá em um vestido de cetim para a mais bela das damas de honra da Rainha usar no próximo baile da Corte. Em uma cama no canto do quarto está deitado seu filhinho doente. Ele está com febre e pede laranjas. A mãe não tem nada para lhe dar a não ser água do rio, e por isso ele está chorando. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, você não quer levar-lhe o rubi do punho de minha espada? Meus pés estão presos a este pedestal⁵ e eu não posso me mover.”

“Estão me esperando no Egito,” disse a Andorinha.

4 *Sans-Souci*: expressão francesa que significa “sem preocupação” (pronuncia-se çãçussi).

5 *Pedestal*: base que sustenta uma estátua ou uma coluna.

“Minhas companheiras estão voando sobre o Nilo e conversando com as grandes flores de lótus. Logo irão descansar no túmulo do grande Rei. O Rei está lá, em pessoa, em seu sarcófago pintado. Está enfaixado em linho amarelo e embalsamado com especiarias. Em seu pescoço há um colar de jade verde-pálido, e suas mãos parecem folhas secas.”

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “você não quer ficar comigo por uma noite e ser a minha mensageira? O menino está com tanta sede, e a mãe está tão triste.”

“Acho que eu não gosto de meninos,” respondeu a Andorinha. “No verão passado, quando eu estava à margem do rio, havia dois meninos muito rudes, filhos do moleiro, que ficavam sempre atirando pedras em mim. Nunca me acertaram, é claro. Nós, andorinhas, voamos bem demais, e, além disso, eu descendo de uma família célebre por sua agilidade. Mas, mesmo assim, foi um sinal de desrespeito.”

Porém o Príncipe Feliz parecia tão tristonho que a pequena Andorinha ficou comovida. “Aqui faz muito frio,” disse ela, “mas eu ficarei com você por uma noite e serei sua mensageira.”

“Obrigado, pequena Andorinha,” disse o Príncipe.

Então a Andorinha tirou o grande rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico sobre os telhados da cidade.

Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpido anjos brancos de mármore. Passou pelo palácio e ouviu rumor de danças. Uma linda jovem surgiu no balcão com seu namorado. “Como são lindas as estrelas!” disse-lhe ele, “e como é maravilhoso o poder do amor!”

“Espero que meu vestido fique pronto para o baile da Corte,” respondeu ela. “Mande que bordassem nele flores de maracujá, mas as costureiras são tão preguiçosas!”

Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Passou pelo Gueto⁶ e viu velhos judeus fazendo barganhas e pesando seu dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à pobre casa e espiou lá dentro. O menino agitava-se na cama com febre, e a mãe havia adormecido, de tão cansada que estava. A Andorinha entrou num salto e depôs o grande rubi sobre a mesa, ao lado do dedal da mulher. Depois, esvoaçou delicadamente ao redor da cama, abanando a fronte do menino com suas asas. “Sinto um frescor!” disse o menino. “Acho que estou melhorando.” E caiu num sono delicioso.

Então a Andorinha voou de volta ao Príncipe Feliz e contou-lhe o que havia feito. “Estranho,” comentou ela, “mas agora estou me sentindo bem aquecida, embora esteja fazendo tanto frio.”

“É porque você fez uma boa ação,” disse o Príncipe. E a pequena Andorinha pôs-se a pensar, e adormeceu. Pensar sempre lhe dava sono.

Ao alvorecer, ela voou até o rio para banhar-se. “Mas que fenômeno considerável!” exclamou o Professor de Ornitologia⁷, ao atravessar a ponte. “Uma andorinha no inverno!” E escreveu uma longa carta sobre o caso no jornal local. Foi citada por todo mundo, pois estava cheia de palavras que ninguém compreendia.

“Esta noite vou para o Egito,” disse consigo a Andorinha, muito animada com esta perspectiva. Visitou todos os monumentos públicos e ficou um longo tempo pousada sobre o campanário da igreja. Onde quer que ela fosse, os Pardais gorjeavam, dizendo uns para os outros: “Que distinta estrangeira!” E ela muito se alegrava.

6 *Gueto*: bairro onde os judeus eram forçados a morar, em certas cidades européias.

7 *Ornitologia*: parte da zoologia que trata das aves.

Quando a lua se ergueu, ela voou de volta ao Príncipe Feliz. “Alguma encomenda para o Egito?” perguntou ela. “Estou de partida.”

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “você não quer ficar comigo mais uma noite?”

“Estão me esperando no Egito,” respondeu a Andorinha. “Amanhã minhas companheiras voarão para a Segunda Catarata. Lá o hipopótamo repousa entre os papiros, e numa grande casa de granito está sentado o deus Mênon. Durante toda a noite ele contempla as estrelas, e, quando brilha a estrela da manhã, lança um grito de alegria, depois fica em silêncio. Ao meio-dia os leões amarelos descem até a margem para beber água. Seus olhos são como grandes berilos verdes, e seu rugido é mais alto que o rugido da catarata.”

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “longe daqui, do outro lado da cidade, vejo um rapaz num sótão. Está inclinado sobre uma escrivaninha coberta de papéis, e num copo a seu lado há um maço de violetas murchas. Ele tem os cabelos castanhos e crespos, os lábios vermelhos como a romã e olhos grandes e sonhadores. Está tentando terminar uma peça para o Diretor do Teatro, mas está com frio demais para poder continuar escrevendo. Não há fogo na grelha, e a fome o fez desfalecer⁸.”

“Vou ficar mais uma noite com você,” disse a Andorinha, que tinha realmente um bom coração. “Devo levar a ele um outro rubi?”

“Ai de mim! Já não tenho nenhum rubi,” disse o Príncipe. “Só me restam meus olhos. São feitos de safiras raras, trazidas da Índia há mil anos. Arranque uma delas e leve-a para o rapaz. Ele

8 *Desfalecer*: perder as forças, desmaiar.

a venderá ao joalheiro, comprará lenha e terminará sua peça.”

“Caro Príncipe,” disse a Andorinha, “não posso fazer isso.”
E começou a chorar.

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “faça o que estou mandando.”

Assim, a Andorinha arrancou um dos olhos do Príncipe e voou até o sótão do estudante. Foi muito fácil entrar, pois havia um buraco no telhado. Arremessou-se através dele e penetrou no quarto. O jovem estava com a cabeça entre as mãos, de modo que não ouviu o alvoroço⁹ das asas do pássaro, e, quando ergueu os olhos, encontrou a magnífica safira pousada sobre as violetas murchas.

“Começo a ser apreciado,” exclamou consigo mesmo. “Isto deve vir de algum grande admirador. Agora posso concluir a minha peça.” E parecia muito contente.

No dia seguinte, a Andorinha desceu até o porto. Pousou no mastro de um grande veleiro e ficou observando os marinheiros içarem, com cordas, grandes caixas do porão. “Levantar, força!” gritavam cada vez que uma subia.

“Vou para o Egito!” clamou a Andorinha, mas ninguém se importou com ela. E, quando a lua surgiu, ela voou de volta até o Príncipe Feliz.

“Vim dizer adeus,” disse-lhe.

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “você não quer ficar comigo mais uma noite?”

“É inverno,” respondeu a Andorinha, “e a neve gélida logo chegará aqui. No Egito o sol aquece as palmeiras verdes, e os crocodilos deitam-se no lodo e ficam preguiçosamente olhando ao redor. Minhas companheiras estão construindo um ninho no

9 *Alvoroço*: agitação.

Templo de Baalbec, e as pombas cor de rosa e brancas as observavam e arrulham umas às outras. Caro Príncipe, devo deixá-lo, mas nunca me esquecerei de você, e na próxima primavera vou trazer-lhe duas lindas jóias em lugar daquelas que você deu. O rubi será mais vermelho que a rosa, e a safira tão azul quanto o grande mar.”

“Na praça ali adiante,” disse o Príncipe Feliz, “está uma garotinha que vende fósforos. Ela os deixou cair na sarjeta, e eles estragaram. Seu pai a espancará se ela não levar algum dinheiro para casa, e ela está chorando. Não tem sapatos nem meias, e sua cabecinha está descoberta. Arranque meu outro olho e leve-o até ela, para que seu pai não lhe espanque.”

“Vou ficar com você mais uma noite,” disse a Andorinha, “mas não posso arrancar seu olho. Você ficaria inteiramente cego.”

“Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha,” disse o Príncipe, “faça o que estou mandando.”

Então, ela arrancou o outro olho do Príncipe e saiu voando como uma flecha. Desceu junto à vendedora de fósforos e fez a jóia deslizar na palma de sua mão.

“Que linda conta de vidro!” exclamou a menina. E correu para casa, sorrindo.

Então a Andorinha voltou até o Príncipe. “Agora você está cego,” disse, “e eu ficarei com você para sempre.”

“Não, pequena Andorinha,” disse o pobre Príncipe, “você deve partir para o Egito.”

“Ficarei com você para sempre,” disse a Andorinha. E adormeceu aos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte ela ficou pousada no ombro do Príncipe, contando-lhe histórias do que vira em terras distantes. Contou-lhe dos íbis¹⁰ vermelhos, que fazem longas filas nas

10 *Íbis*: tipo de ave pernalta.

margens do Nilo e apanham peixes dourados com o bico; contou-lhe da Esfinge, que é tão antiga quanto o próprio mundo e vive no deserto e sabe todas as coisas; contou-lhe dos mercadores, que caminham vagorosamente ao lado de seus camelos e carregam contas de âmbar nas mãos; contou-lhe do Rei das Montanhas da Lua, que é negro como o ébano e venera um enorme cristal; contou-lhe da grande serpente verde que dorme numa palmeira e tem vinte sacerdotes que a alimentam com bolos de mel; contou-lhe dos pigmeus que velejam sobre um imenso lago em grandes folhas planas e estão sempre em guerra com as borboletas.

“Querida Andorinhazinha,” disse o Príncipe, “você me conta histórias maravilhosas, porém mais maravilhoso que tudo é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior que a Miséria. Voe sobre a minha cidade, pequena Andorinha, e conte-me o que você vir.”

E a Andorinha voou sobre a cidade grande e viu os ricos divertirem-se em suas lindas casas, enquanto os mendigos ficavam sentados nos portões. Voou por becos escuros e viu os rostos pálidos de crianças famintas olhando languidamente as ruas sombrias. Sob os arcos de uma ponte, dois meninos deitavam-se um nos braços do outro, procurando aquecer-se. “Estamos com fome!” disseram. “Vocês não podem permanecer aqui,” disse o guarda, e eles saíram na chuva.

Então ela voou de novo até o Príncipe e contou-lhe o que vira.

“Estou coberto de fino ouro,” disse o Príncipe. “Você deve tirá-lo, folha por folha, e dá-lo aos meus pobres; os vivos sempre acham que o ouro pode trazer-lhes felicidade.”

Folha após folha do fino ouro a Andorinha arrancou, até o Príncipe Feliz ficar completamente opaco e cinzento. Folha após folha do fino ouro ela levou aos pobres, e as crianças ficaram com

faces mais rosadas e sorriram e brincaram nas ruas. “Agora temos pão!” gritavam.

Mas veio a neve, e, após a neve, veio a geada. As ruas pareciam feitas de prata, de tão brilhantes e reluzentes; longos pingentes de gelo pendiam dos beirais das casas como adagas de cristal; todos vestiam-se de peles, e os meninos usavam gorros vermelhos e patinavam no gelo.

A pobre Andorinha foi ficando mais e mais gelada, mas não queria abandonar o Príncipe, a quem tanto amava. Ela catava algumas migalhas à porta da padaria enquanto o padeiro estava distraído, e tentava manter-se aquecida batendo as asas.

Mas, por fim, compreendeu que iria morrer. Tinha força apenas para voar até o ombro do Príncipe mais uma vez. “Adeus, caro Príncipe!” murmurou. “Posso beijar sua mão?”

“Fico feliz que você finalmente esteja indo para o Egito, pequena Andorinha,” disse o Príncipe. “Você ficou bastante tempo aqui. Mas deve beijar-me os lábios, porque eu amo você.”

“Não é para o Egito que estou indo,” disse a Andorinha. “Estou indo para a Casa da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é?”

Beijou os lábios do Príncipe e caiu morta a seus pés.

Naquele instante um estranho ruído soou dentro da estátua, como se algo se quebrasse. A verdade é que o coração de chumbo partira-se ao meio. Sem dúvida, era terrivelmente fria aquela geada.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Prefeito estava caminhando pela praça, em companhia dos Conselheiros Municipais. Ao passarem pela coluna, ele olhou para a estátua: “Meus Deus! Em que estado lastimável está o Príncipe Feliz!” exclamou.

“Lastimável, mesmo!” bradaram os Conselheiros Municipais, que sempre concordavam com o Prefeito.

E subiram para observá-lo.

“O rubi da espada caiu, os olhos desapareceram, e já não tem mais ouro algum,” disse o Prefeito. “De fato, ele parece pouco melhor que um mendigo!”

“Pouco melhor que um mendigo!” repetiram os Conselheiros Municipais.

“E ainda por cima há um passarinho morto a seus pés,” emendou o Prefeito. “Devemos proclamar um edital¹¹ proibindo pássaros de morrer aqui.” E o Escrevente Municipal tomou nota da sugestão.

E derrubaram a estátua do Príncipe Feliz.

“Se já não é belo, também já não tem utilidade,” disse o Professor de Arte da Universidade.

Depois derreteram a estátua num forno, e o Prefeito convocou uma assembléia do Conselho para decidir o que seria feito com o metal. “Devemos erguer uma nova estátua, é claro,” disse ele. “E será uma estátua minha.”

“Não, minha!” disse cada um dos Conselheiros Municipais. E começaram a discutir. A última vez que ouvi falar neles, ainda estavam discutindo.

“Que estranho!” disse o supervisor dos operários da fundição. “Este coração de chumbo partido não derrete no forno. Devemos jogá-lo fora.” E atiraram-no a um monturo¹², onde também jazia a Andorinha morta.

“Traga-me as duas coisas mais preciosas da cidade,” disse Deus a um de seus Anjos. E o Anjo trouxe o coração de chumbo e o pássaro morto.

“Você escolheu bem,” disse Deus, “pois no meu jardim do

11 *Edital*: aviso público.

12 *Monturo*: lugar onde se deposita lixo.

Paraíso este pequeno pássaro cantará eternamente, e em minha cidade dourada o Príncipe Feliz me louvará.”

(Tradução do inglês: ISABEL DE LORENZO.)

HISTÓRIA ANEDÓTICA

GUY DE MAUPASSANT

Guy de Maupassant (pronúncia: *gui de mopaçã*), nascido em 1850 e falecido em 1893, foi um dos maiores renovadores do conto no século XIX. Desde cedo, teve o apoio e a orientação de Gustave Flaubert (pronúncia: *güstáv flobérr* — 1821-1880), o grande autor de *Madame Bovary*, que nele incutiu uma profunda consciência das exigências e da responsabilidade do trabalho artístico. Maupassant, assim como seu mestre Flaubert, está vinculado à estética do Realismo, que se baseia na observação atenta do mundo, a fim de que o escritor possa representar a realidade de modo fiel, sem distorções. Disso decorre o estilo cru de muitos de seus contos, em que o narrador se serve de um vocabulário simples e se atém apenas ao que considera essencial, evitando as conclusões, os comentários, e relatando os fatos com a frieza de uma testemunha imparcial.

Maupassant tornou-se célebre desde que publicou sua primeira novela, “Bola de Sebo”. Num período de dez anos, escreveu cerca de trezentos contos, além de seis romances, três volumes sobre impressões de viagens, alguns versos e peças para teatro. O sucesso que obteve com seus contos e romances deu-lhe a riqueza, a fama, e a inveja de muitos contemporâneos. Como em sua época, a apreciação crítica de sua obra ainda é polêmica: alguns o vêem como o inventor de uma certa literatura comercial, enquanto outros afirmam que seus contos “contêm mais do que a mera representação realística da vida moderna: eles mergulham até às raízes da existência humana.”

DOIS AMIGOS

Guy de Maupassant

Paris estava bloqueada, faminta e ofegante. Os pardais tornavam-se bastante raros sobre os telhados, e as calhas se despovoavam. Qualquer coisa servia de alimento.

Como ele passeava tristemente ao longo do bulevar¹ exterior numa clara manhã de janeiro, com as mãos nos bolsos de seu calção de uniforme e com o estômago vazio, o Sr. Morissot,² relojoeiro profissional e, casualmente, homem caseiro, deteve-se de repente diante de um confrade,³ em quem reconheceu um amigo. Era o Sr. Sauvage,⁴ uma pessoa que conhecera numa pescaria.

Todo domingo, antes da guerra, Morissot partia de casa desde o raiar o dia, com uma vara de bambu numa mão e uma caixa de lata nas costas. Ele tomava o caminho de Argenteuil⁵, descia em Colombes⁶, e então seguia a pé até a ilha Marante. Tão logo chegava nesse lugar, o lugar de seus sonhos, ele se punha a pescar; pescava até a noite.

1 *Bulevar*: rua larga, arborizada; avenida.

2 Pronúncia: *morrissô*.

3 *Confrade*: colega, companheiro, camarada.

4 Pronúncia: *sováj*.

5 *Argenteuil*: cidade do norte da França, nas proximidades de Paris, situada à beira do rio Sena. Pronúncia aproximada: *arrjâtêi*.

6 *Colombes*: cidade próxima de Paris. Pronúncia: *colomb(e)*.

Todo domingo, ele encontrava aí um homem pequeno, rechonchudo e jovial, o Sr. Sauvage, comerciante de armarinhos⁷ à Rua de Nossa Senhora de Loreto, outro pescador fanático. Eles passavam freqüentemente cerca de meia hora lado a lado, com a linha à mão e os pés suspensos sobre a correnteza do rio. E tinham tomado amizade um pelo outro.

Em certos dias, não se falavam. Algumas vezes, conversavam. Mas eles se entendiam admiravelmente sem dizer coisa alguma, tendo gostos semelhantes e sensações idênticas.

Na primavera, pela manhã, por volta das dez horas, quando o sol rejuvenescido fazia flutuar sobre o rio tranqüilo esse pequeno vapor que flui com a água, e vertia nas costas dos dois apaixonados pescadores um bom calor de nova estação, Morissot às vezes dizia ao seu vizinho: “Que delícia, hem?” E o Sr. Sauvage respondia: “Eu não conheço nada melhor”. E isso lhes bastava para que se compreendessem e se estimassem.

No outono, ao final do dia, quando o céu, ensangüentado pelo sol poente, projetava na água figuras de nuvens escarlates⁸, tornava rubro⁹ todo o rio, inflamava o horizonte, avermelhava como fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas e trementes de um arrepio de inverno, o Sr. Sauvage olhava sorrindo para Morissot e exclamava: “Que espetáculo!” E Morissot maravilhado respondia, sem tirar os olhos de sua bóia: “Isto é bem melhor do que o bulevar, hem?”

Assim que eles se reconheceram, energicamente apertaram-se as mãos, muito emocionados de se reencontrar em circunstâncias tão diferentes. O Sr. Sauvage, dando um suspiro,

7 *Armarinho*: loja de tecidos, material de costura e enfeites femininos.

8 *Escarlate*: de cor vermelha muito viva.

9 *Rubro*: vermelho muito vivo, cor de sangue.

murmurou: “Eis aí um grande evento!” Morissot, muito triste, gemeu: “E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.”

O céu estava, de fato, todo azul e repleto de luz.

Eles começaram a caminhar lado a lado, tristes e sonhadores, e Morissot continuou: “E a pesca, hem? Que boa lembrança!” O Sr. Sauvage perguntou: “Quando é que retornaremos a ela?”

Entraram num pequeno café e beberam juntos um licor de absinto;¹⁰ e a seguir voltaram a passear pelas calçadas.

Morissot deteve-se de repente: “Tomamos mais um verde¹¹, que tal?” O Sr. Sauvage concordou: “Às suas ordens.” E eles entraram numa outra casa de bebidas.

Ao sair, eles estavam muito atordoados, transtornados como pessoas que, em jejum, enchem o ventre de álcool. O tempo estava bom. Uma brisa afagante lhes fazia cócegas no rosto. O Sr. Sauvage, cuja embriaguez era completada pelo ar morno e inebriante,¹² deteve-se: “E se a gente fosse até lá?”

— Lá aonde?

— À pesca, ora.

— Mas onde?

— Na nossa ilha, é claro. Os postos avançados franceses estão perto de Colombes. Eu conheço o coronel Dumoulin;¹³ eles nos deixarão passar facilmente.

Morissot estremeceu de desejo: “Está falado. Estou de acordo.” E eles se separaram para pegar os seus instrumentos.

Uma hora depois, eles caminhavam lado a lado na grande

10 *Absinto*: bebida amarga e de alto teor alcoólico, preparada com as folhas do absinto, uma erva aromática européia.

11 *Verde*: forma como era chamado o licor de absinto (de cor esverdeada).

12 *Inebriante*: que embriaga, entusiasmo.

13 Pronúncia: *dümulén*. O *ü* é uma vogal entre o *u* e o *i* — é um *i* pronunciado com os lábios arredondados do *u*.

estrada. Mais tarde, chegaram à cidade que estava ocupada pelo coronel. Ele sorriu do pedido deles e concordou com a fantasia dos dois. Eles puseram-se novamente a caminhar, munidos de um salvo-conduto.¹⁴

Logo a seguir eles passaram além dos postos avançados, atravessaram a abandonada cidade de Colombes, e se viram à beira de pequenos vinhedos que descem em direção ao Sena.¹⁵ Eram cerca de onze horas.

Diante deles, o vilarejo de Argenteuil parecia morto. As montanhas de Orgemont e de Sannois¹⁶ dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre¹⁷ estava vazia, completamente deserta, com as suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.

O Sr. Sauvage, apontando com o dedo os cumes, murmurou: “Os prussianos¹⁸ estão lá em cima!” E uma inquietude paralisava os dois amigos diante daquela região deserta.

Os prussianos! Eles nunca tinham avistado nenhum deles, mas os sentiam ali havia meses, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, massacrando, esfomeando, invisíveis e onipotentes. E uma espécie de terror supersticioso se somava ao ódio que sentiam por esse povo desconhecido e vitorioso.

Morissot balbuciou: “E se nós encontrássemos alguns deles, hem?”

O Sr. Sauvage respondeu com o conhecido espírito zombeteiro¹⁹ parisiense, que, apesar de tudo, insiste em se

14 *Salvo-conduto*: licença escrita para alguém viajar ou transitar livremente em zona ocupada por forças militares.

15 *Sena*: o rio Sena, que passa por diversas cidades da França.

16 Pronúncia: *orrjemô* e *sanuá*.

17 *Nanterre*: cidade próxima de Paris. Pronúncia: *nâtérr*.

18 *Prussiano*: soldados da Prússia, nome de um antigo Estado alemão. A situação a que o texto se refere é a da guerra franco-prussiana (1870).

19 *Zombeteiro*: zombador, gozador, brincalhão.

manifestar: “Nós lhes ofereceríamos uma fritada.”

Eles hesitavam, porém, em aventurar-se pelo campo, intimidados pelo silêncio que reinava em todo o horizonte.

Por fim, o Sr. Sauvage se decidiu: “Vamos, pé na estrada!, mas com cuidado.” E eles foram descendo a um vinhedo, curvados em dois, rastejando, servindo-se das moitas para se encobrirem, tendo o olhar inquieto, o ouvido atento.

Ainda havia uma faixa de terra nua para atravessar e chegar à beira do rio. Eles se puseram a correr e, assim que atingiram a ribanceira,²⁰ agacharam-se entre os caniços²¹ secos.

Morissot colou uma orelha ao chão, para ouvir se alguém caminhava pelas redondezas. Não ouviu nada. Eles estavam sós, inteiramente sós.

Eles se acalmaram, e começaram a pescar.

Situada diante deles, a abandonada ilha Marante²² os escondia dos que estivessem na outra margem. O pequeno edifício do restaurante estava fechado, parecia não receber reparos desde muitos anos.

O Sr. Sauvage fisgou o primeiro peixe. Morissot pegou o segundo, e de minuto a minuto eles puxavam suas linhas com um bichinho prateado agitando-se na ponta do fio: uma pesca verdadeiramente maravilhosa.

Eles colocavam delicadamente os peixes no interior de uma rede, de malhas bastante estreitas, que ficava mergulhada a seus pés, e uma alegria deliciosa os penetrava, a alegria que nos toma quando reencontramos um prazer amado, do qual estamos privados há muito tempo.

20 *Ribanceira*: margem elevada do rio.

21 *Caníço*: cana delgada.

22 Pronúncia: *marrât(e)*.

O bom sol lhes derramava seu calor entre os seus ombros; eles não ouviam mais nada; não pensavam em mais nada; ignoravam o resto do mundo; eles pescavam.

Mas subitamente um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a retumbar.

Morissot voltou a cabeça, e por cima da ribanceira ele avistou, lá ao longe, à esquerda, a grande silhueta do Mont-Valérien,²³ que portava em sua frente um penacho branco, uma nuvem de poeira que ele acabava de cuspir.

E logo em seguida um segundo jato de fumaça partiu do cume da fortaleza; e, alguns instantes depois, uma nova detonação retumbou.

E depois outras se seguiram, e de momento em momento a montanha lançava seu hálito de morte, soprava seus vapores leitosos, que se elevavam lentamente ao céu calmo, formando acima dela uma nuvem.

O Sr. Sauvage deu de ombros: “Eis aí, eles continuam a lutar”, disse.

Morissot, que observava ansiosamente afundar, pouco a pouco, a pluma de sua bóia, foi repentinamente tomado de uma cólera de homem pacífico contra aqueles enraivecidos que guerreavam assim, e resmungou: “É preciso ser estúpido para que se mate desse jeito!”

O Sr. Sauvage continuou: “São piores do que animais.”

E Morissot, que acabava de fisgar um peixe, declarou: “E pensar que será sempre assim, enquanto existirem governos.”

O Sr. Sauvage o deteve: “A República não teria declarado

23 Pronúncia: *mõ-valerrién*. Monte Valeriano.

a guerra...”²⁴

Morissot o interrompeu: “Com os reis, temos a guerra no exterior do país; com a República, temos a guerra no interior do país.”

E tranqüilamente eles começaram a discutir, destrinçando²⁵ os grandes problemas políticos com uma razão sã de homens brandos²⁶ e limitados, e pondo-se de acordo sobre este ponto: o de que não seríamos jamais livres. E o Mont-Valérien troava sem descanso, demolindo a tiros de canhão casas francesas, triturando vidas, esmagando seres, pondo fim a muitos sonhos, e a muitas alegrias aguardadas, a muitas felicidades esperadas, abrindo em corações de esposas, em corações de moças, em corações de mães, lá longe, em outras regiões, sofrimentos que não acabariam mais.

“Assim é a vida”, declarou o Sr. Sauvage.

“Diga antes que assim é a morte”, retomou sorrindo Morissot.

Mas eles estremeceram, estarecidos, percebendo claramente que alguém acabava de caminhar, às costas deles; e, tendo volvido os olhos, eles avistaram, de pé e acima dos seus ombros, quatro homens altos, armados e barbudos, vestidos como empregados domésticos em libré²⁷ e tendo à cabeça bonés achatados: eles mantinham apontados, diretamente para os dois amigos, os seus fuzis.

As duas linhas escaparam de suas mãos e começaram a descer o rio.

24 A República, na França, tinha sido substituída pelo Segundo Império, sob Napoleão III.

25 *Destrinçar*: desenredar, resolver; dizer ou expor com minúcia. Há no Brasil uma forma variante desta palavra, *destrinchar*. A forma tradicional, por isso considerada mais correta, é *destrinçar*.

26 *Brando*: ameno, afável.

27 *Libré*: uniforme ou fardamento de criados.

Em poucos instantes, eles foram capturados, conduzidos, lançados num barco e transportados à ilha.

E atrás do edifício que pensaram estar abandonado, eles avistaram um grupo de vinte soldados alemães.

Uma espécie de gigante peludo, que fumava, montado numa cadeira, um grande cachimbo de porcelana, perguntou-lhes num excelente francês: “E então, senhores, fizeram uma boa pescaria?”

Nesse momento um soldado depositou aos pés do oficial a rede cheia de peixes, que ele tivera o cuidado de trazer. O prussiano sorriu: “Ah! ah! vejo que a pescaria não ia nada mal. Mas se trata de uma outra coisa. Escutem-me e não fiquem perturbados. Para mim, os senhores são dois espíões enviados para me investigar. Eu vou prendê-los e fuzilá-los. Os senhores fingiam estar pescando a fim de melhor dissimular os seus planos. Os senhores caíram nas minhas mãos, tanto pior para os senhores: assim é a guerra. Mas como os senhores saíram pelos postos avançados, certamente têm uma palavra de ordem²⁸ para retornar para lá. Dêem-me essa palavra de ordem e eu os perdôo.”

Os dois amigos, lívidos²⁹, lado a lado, as mãos agitadas por um ligeiro tremor nervoso, estavam calados.

O oficial prosseguiu: “Ninguém jamais o saberá, os senhores retornarão calmamente. O segredo desaparecerá com os senhores. Se recusarem, então terão a morte, e imediatamente. Qual é a escolha dos senhores?”

Eles permaneciam imóveis, sem abrir a boca.

O prussiano, sempre calmo, continuou a falar, estendendo a mão em direção ao rio: “Considerem que em cinco minutos os

28 *Palavra de ordem*: ordem dada a alguém em vista de uma situação determinada.

29 *Lívido*: pálido.

senhores estarão no fundo desse rio. Em cinco minutos! Os senhores certamente têm parentes, não?”

O Mont-Valérien continuava a troar.

Os dois pescadores continuavam de pé e em silêncio. O alemão deu ordens em sua língua. Em seguida ele mudou sua cadeira de lugar, para não ficar demasiadamente perto dos prisioneiros; e doze homens vieram colocar-se a vinte passos de distância, com o fuzil ao pé.

O oficial continuou: “Eu lhes dou um minuto, e nem dois segundos a mais.”

E então se levantou bruscamente, aproximou-se dos dois franceses, tomou Morissot pelo braço, levou-o um pouco mais longe e lhe disse em voz baixa: “Depressa, qual é a palavra de ordem? O seu camarada não saberá de nada, eu fingirei ter ficado compadecido.”

Morissot não respondeu nada.

O prussiano afastou-se então com o Sr. Sauvage e lhe fez a mesma pergunta.

O Sr. Sauvage não respondeu.

Eles ficaram os dois, de novo, lado a lado.

E o oficial pôs-se a dar ordens os soldados. Eles ergueram as suas armas.

Então o olhar de Morissot recaiu, por acaso, sobre a rede cheia de peixes que havia ficado na relva, a alguns passos dele. Um raio de sol fazia brilhar o monte de peixes, que ainda se agitavam. E um desfalecimento o penetrou. Apesar de seus esforços, os seus olhos se encheram de lágrimas.

Ele balbuciou: “Adeus, Sr. Sauvage.”

O Sr. Sauvage respondeu: “Adeus, Sr. Morissot.”

Apertaram-se as mãos, abalados dos pés à cabeça por invencíveis tremores.

O oficial gritou: “Fogo!”

Os doze tiros foram como um só.

O Sr. Sauvage caiu em bloco sobre seu nariz. Morissot, mais alto, balançou, girou sobre si e desabou atravessado em cima de seu camarada, com o rosto voltado para o céu, enquanto jorros de sangue irrompiam de sua túnica crivada³⁰ no peito.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e depois retornaram com cordas e pedras, que prenderam nos pés dos dois mortos; a seguir, eles os carregaram até a ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de troar, coroado agora com uma montanha de fumaça.

Dois soldados pegaram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o Sr. Sauvage do mesmo modo. Os corpos, balançados com força um instante, foram atirados longe, descreveram uma curva³¹, e então afundaram, a prumo³², no rio, as pedras arrastando consigo primeiramente os pés.

A água espirrou, borbulhou, estremeceu, e então se acalmou, enquanto as pequeninas ondas que se produziram chegavam até as margens. Um pouco de sangue flutuava.

O oficial, sempre sereno, disse a meia voz: “Agora é a vez dos peixes.”

E então retornou ao edifício.

E de repente ele avistou na relva a rede com os peixes. Ele a apanhou, examinou-a, sorriu, e gritou: “Wilhelm!”

Um soldado acorreu, vestido com um avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou: “Faça-

30 *Crivado*: furado em muitas partes; cravejado; traspassado.

31 *Descrever uma curva*: perfazer, num movimento, o traçado de uma curva.

32 *A prumo*: em posição vertical, de pé.

me imediatamente uma fritada com esses bichinhos, enquanto eles ainda estão vivos. Vai ser uma delícia.”

E voltou então a fumar o seu cachimbo.

(Tradução do francês: ROGÉRIO HAFEZ.)